

instituto
península

Idealização: Instituto Península

Realização: Ps2P

Universo representado: professoras e professores de escolas públicas municipais, estaduais e federais nos ensinos infantil, fundamental, médio e EJA.

Tamanho da amostra e cobertura geográfica: ao longo do trabalho de campo foram realizadas 30 entrevistas em profundidade; 10 vivências presenciais com 60 horas de filmagem; 20 diários online com 3000 horas de acompanhamento remoto do dia a dia de professoras e professores de todas as regiões do Brasil; observação de seis grupos online de profissionais da educação com um total de mais 1 milhão de membros.

Datas da coleta dos dados. Abril e maio de 2018

Índice

- 1. A pesquisa** *pág 04*
- 2. Metodologia** *pág 08*
- 3. Análises e reflexões** *pág 12*
- 4. Dispositivos de resgate** *pág 86*
- 5. Comentário final do Time do Instituto** *pág 98*
- 6. Agradecimentos** *pág 99*
- 7. Time da Pesquisa** *pág 100*

Pesquisa

O Instituto Península acredita no protagonismo do professor enquanto agente central da educação, e acredita que a melhora da educação precisa nascer a partir destes profissionais. Por isso, idealizou um estudo, realizado pela PS2P – observatório de comportamento e cultura, que teve como objetivo conhecer o professor para além das estatísticas e dos lugares comuns, entendendo em profundidade seu dia a dia, abarcando suas dificuldades, seus sonhos, sua vida com o cotidiano dentro e fora da escola.

Os pesquisadores foram a campo para conhecer a singularidade de diferentes professores, entender a especificidade e diversidade contida em suas biografias, a partir da perspectiva de que cada história de vida porta inspirações e desafios universais, que podem tocar outras vidas. Os resultados desses encontros são agora publicados, por entendermos que se trata de um importante trabalho de reflexão sobre a educação no Brasil, a partir do ponto de vista do professor.

Como preparação para o trabalho de campo, foi realizada pela equipe a leitura de pesquisas e estudos já produzidos sobre os professores no Brasil. O importante nesta leitura de materiais existentes foi a identificação de vazios e evitar duplicar esforços de pesquisas previamente desenvolvidas. Neste momento, sobre que o “vazio” de entendimento a respeito do papel dos professores na educação não estava na ausência de dados, haja vista a farta produção de estudos e estatísticas,

mas sim na construção de sentido e no aprofundamento que se fazem necessários a partir dos dados.

O professor, na maior parte das pesquisas, era tratado como parte do conjunto do ambiente escolar. Faltava gerar um olhar mais individualizado para ele como um sujeito em si, que precisa de atenção e formação.

Resumimos e condensamos nossa percepção ao final desta análise de estudos já realizados em uma imagem de **desintegração do sistema educacional** que se manifesta nos mais diferentes aspectos

Desintegração entre o modelo de mundo atual e a modelo educacional: desintegração entre a concepção conteudista de educação e a sociedade da informação em que vivemos.

Desintegração entre a produção acadêmica do campo da pedagogia de elite e internacionalizada e a realidade diária nas salas de aula brasileiras.

Desintegração entre a formação do professor e a prática de sala de aula: conforme relato de Miguel Thompson, CEO do Instituto Singularidades, as faculdades, em geral, não oferecem uma formação que prepare para o professor para a realidade das salas de aula.

Desintegração entre o discurso sobre o que deve ser a educação para o século 21 e a prática diária da educação nas escolas: mesmo o ensino de novos métodos de educação é realizado a partir de pedagogias tradicionais. Existe um desejo de ruptura com os métodos tradicionais, mas grandes dificuldades para romper com amaras desses modelos.

Desintegração entre o perfil “ideal” de professor e o professor real

Desintegração entre desejos dos professores, que muitas vezes prefeririam ter optado por outra carreira, e a escolha profissional.

Frente a esse cenário de desintegração, surgiram grandes perguntas: Como chegar a uma educação integral em um ambiente tão desintegrado? Quais são os elementos integradores? Quais dimensões a serem trabalhadas para esse professor se sentir íntegro?

O que mais podemos aprender sobre a realidade dos professores com aqueles que há anos observam e atuam na educação?

Num segundo momento do estudo, a equipe conversou com seis especialistas do campo da educação que trouxeram diversas análises sobre o papel da educação e pontos específicos sobre as realidades dos professores das quais cabe destacar:

- Há uma defasagem inicial na formação dos professores e a formação continuada é básica. Porém, a formação continuada e o acompanhamento do trabalho do professor deve ser decidida com ele, e não para ele.

- A presença e a relação são elementos fundamentais nos processos de aprendizagem tanto do aluno quanto do professor.
- Questões subjetivas e emocionais contam nos processos de aprendizagem e precisam ser trabalhadas com o professor.
- Educação se faz no coletivo, é projeto de todos, feito com a comunidade e seus saberes.

Neste momento, o que ficou mais forte para o time de pesquisadores foi a importância das questões de “relacionamento” no processo educacional e como frente à esses aspectos relacionais o professor se encontra sozinho:

- **sozinho** em um sistema totalmente desintegrado onde ele está sempre como foco das atenções, mas desconectado de outros agentes.
- **sozinho** frente às questões da sala de aula, já que é alvo de diversas formações pedagógicas, mas sempre com uma carência e necessidade de conhecimentos, ferramentas e práticas que tenham como foco as questões relacionais.

Como se sentem os professores frente a realidade das escolas?

Chamou atenção durante as vivências com professores a forma como, mesmo fazendo parte de um coletivo de mais de 2,2 milhões de profissionais, responsáveis pela educação pública no Brasil, e mesmo sendo parte de comunidades escolares com grande número de professores, alunos e outros profissionais da educação, boa parte dos educadores com os quais convivemos se sentiam solitários e

diziam não fazer parte de um projeto maior de escola. As relações com os colegas são descritas como cordiais, mas não há um senso de coletividade. Também se dizem sem espaço para diálogo e sem espaço de fala para debater questões importantes, como o racismo e questões de gênero. Não se sentem parte de um sistema integrado e tentam lidar sozinhos com casos que surgem em sala de aula e que precisariam do apoio de outros profissionais da área de saúde e assistência social.

Além deste sentimento de solidão frente à equipe escolar, também se sentem sozinhos e despreparados frente à realidade dos alunos. Os professores precisam lidar com jovens provenientes de realidades familiares e contextos sociais muito e diferentes dos seus e a escola tem sido o único local de acolhimento para esses jovens. Essa realidade provoca um choque cultural e é algo para o qual não se sentem preparados, nem pela formação inicial nem pela formação continuada. (tirar a frase que está repetida na sequência) Existe, assim, uma defasagem na formação dos professores que não diz respeito ao conteúdo das disciplinas e sim ao entendimento da realidade dos alunos e das comunidades nas quais as escolas estão inseridas. No enfrentamento destas questões que fazem parte do cotidiano escolar tanto quanto as questões relativas aos conteúdos, os professores se sentem sozinhos e esse sentimento provoca inércia e dificulta o movimento em prol da aprendizagem dos alunos.

Como os professores estão conseguindo se movimentar e produzir relações de aprendizagem com os alunos?

Começamos a identificar histórias bem-sucedidas. Casos de professores que

conseguem individualmente criar uma ponte de relacionamento com os alunos a partir da integração de elementos de sua história de vida nas práticas pedagógicas. Chamamos esses movimentos de **dispositivos de resgate** a partir da história dos professores. Esses professores têm histórias de vida que foram resgatadas por eles, e essa mesma visão e compreensão da própria história os fazia atuar na história de vida do aluno promovendo resgates destes sujeitos e colocando novamente os alunos na linha do aprendizado a partir de habilidades de relacionamento.

As histórias de vida são várias, porém nos pareceu que a maioria dos casos bem sucedidos de professores no Brasil tem essa mesma origem de um **resgate de elementos da própria história e, a partir dali a capacidade de acionar elementos relacionais e afetivos para resgatar os próprios alunos para um movimento de aprendizagem**. Porém, mesmo nesses casos a solidão continua se fazendo presente, já que se tratam de histórias isoladas. Mesmo algumas reconhecidas e premiadas têm pouca repercussão no seu ambiente de origem. Não foi raro encontrar professores de grande destaque completamente isolados do restante da escola e sem a capacidade para polinizar a comunidade escolar da qual faz parte.

Em outros momentos, identificamos também experiências bem-sucedidas que ora envolviam cidades inteiras, como no caso da aplicação da metodologia do Peads no interior do Pernambuco, ora escolas inteiras em que os professores estavam integrados em um pensamento único, como é o caso da Escola Municipal Cinja Campo Limpo, em São Paulo.

Nessas experiências, as histórias acontecem de forma coletiva tendo como principal agente o professor que recebe da direção da escola ou de alguma metodologia pedagógica os elementos para atuar na história de vida aluno e, a partir daí, conseguir engajar esses sujeitos em processos de aprendizagem.

A esse movimento demos o nome de **dispositivos de resgate a partir do aluno**. Esses processos, por não serem nascidos em indivíduos e sim no coletivo, têm como característica se expandir mais no grupo, em outros professores, chegando até a polinizar comunidades inteiras. Este modelo nos pareceu em essência o mesmo presente em diversas iniciativas bem sucedidas no Brasil (Escola da Toca, Escola Emilio Sendim no Ceará, Escola Amorim Lima em São Paulo) e em outros países do mundo (Green School em Bali, na Tailândia, por exemplo). Porém, continuam sendo iniciativas isoladas de escolas ou regiões. Este modelo não está integrado na opinião pública como um caminho possível da educação no Brasil.

A inércia, assim, não é proveniente do não querer fazer, mas sim do não saber o que fazer. As partes do sistema educativo estão desintegradas, alguns professores se sentindo solitários e os caminhos ainda distantes de uma educação integral/integrada.

Entendemos, pois, o quanto é importante buscar formas de integrar os professores para conseguir chegar a uma educação integral. **Essa integração deve começar na formação inicial**, inserindo nos currículos atividades práticas e de reflexão, bem como conteúdos transversais voltados para o desenvolvimento integral que preparem os profissionais para as realidades que vão encontrar em sala de aula. **Na formação continuada, as oportunidades de desenvolvimento**

integral dos professores contemplam além de questões de conteúdo, o fortalecimento do professor em suas habilidades relacionais e emocionais, a valorização e entendimento dos conhecimentos subjetivos dos alunos e da comunidade onde as escolas estão inseridas, o tratamento das questões sociais (violência, pobreza, gênero) presentes no contexto escolar e os preconceitos gerados por essas questões, bem como as relações dos professores consigo mesmos, sua mente, corpo, propósitos de vida e relações.

Por fim, o principal desafio de uma pesquisa qualitativa é lidar com a pergunta “Isso é representativo?”. O convite ao olhar este esforço é perguntar os “porquês” e os “comos” nas salas de aula, no dia adia dos professores, como profissionais e como seres humanos. Este estudo é uma pincelada ao universo dos docentes tão pouco pesquisado desde as dimensões do ser humano: mente, corpo, emoções e propósito. Este estudo é um convite para olhar a profissão de professor com exigência e cuidado por serem estes profissionais os implementadores da política pública de educação.

Metodologia

A metodologia utilizada pela PS2P é resumida na figura a seguir:



Com que especialistas conversamos?



Abdalaziz de Moura
Criador do SERTA



Macaé Evaristo
Secretária da educação de MG



Ana Elisa Siqueira
Professora e diretora de escola Municipal de SP



Alessio Costa Lima
Presidente Nacional UNDIME



Teca Pontual
Gestora pública em educação

O que é netnografia?

Netnografia é uma ferramenta de pesquisa antropológica inspirada na etnografia. A etnografia é uma ciência que estuda um grupo social e sua cultura. Neste caso a Netnografia (por ser no mundo digital) estudou 4 canais públicos sobre educação, 4 grupos fechados no Facebook analisando assim um coletivo de 1.129.156 usuários.

Complementarmente foram analisadas páginas com maior volume de interações por comentários, cujos comentários não fossem apenas marcações de outros usuários e que tivessem uma maior recorrência de interações entre profissionais da educação. Essas páginas corresponderam a organizações do terceiro setor: Porvir, Nova Escola, Gestão Escolar, Todos pela Educação.

O que são os diários?

Diário é uma ferramenta de pesquisa antropológica de coleta de informação. Neste estudo foram realizados 20 diários com base nos critérios a seguir:

- Nível e tipo de ensino: Educação Infantil, Fundamental 1 e 2, Ensino Médio e EJA.
- Localização territorial – rural ou urbana
- Diversidade cultural (origem do professor e/ou foco de trabalho) indígenas, negros, etc.
- Género: masculino e feminino.
- Formação superior do professor: médio ou superior.
- Faixa etária: entre 35 e 50 anos.
- Vínculo empregatício: efetivo e temporários.
- Reconhecimentos: professores de preferência sem reconhecimentos públicos/prêmios.
- Sem vínculo com o Instituto Península e seus programas.

Assim, os pesquisadores foram ativando seus contatos na rede pública de educação até atingir um grupo de 30 professores com os quais fosse possível falar com confiança pelo Whatsapp sobre assuntos do cotidiano escolar assim como das rotinas diárias pessoais. Os professores que participaram nesta etapa da pesquisa foram:



Ana Paula Paiva



Solange Rodrigues



Dianna Melo



Viviane Patrícia



Rosângela Moreira



Edvalda Lima



Andreia Candido



Rafael Salles



Diego Elias



Luisa Torres



Sandro Soares



Lorena Santos



Flavia Freitas



Givanilson Soares



Henrique Felix



Karlyle Miyamoto



14 professores anônimos

O que são as vivências?

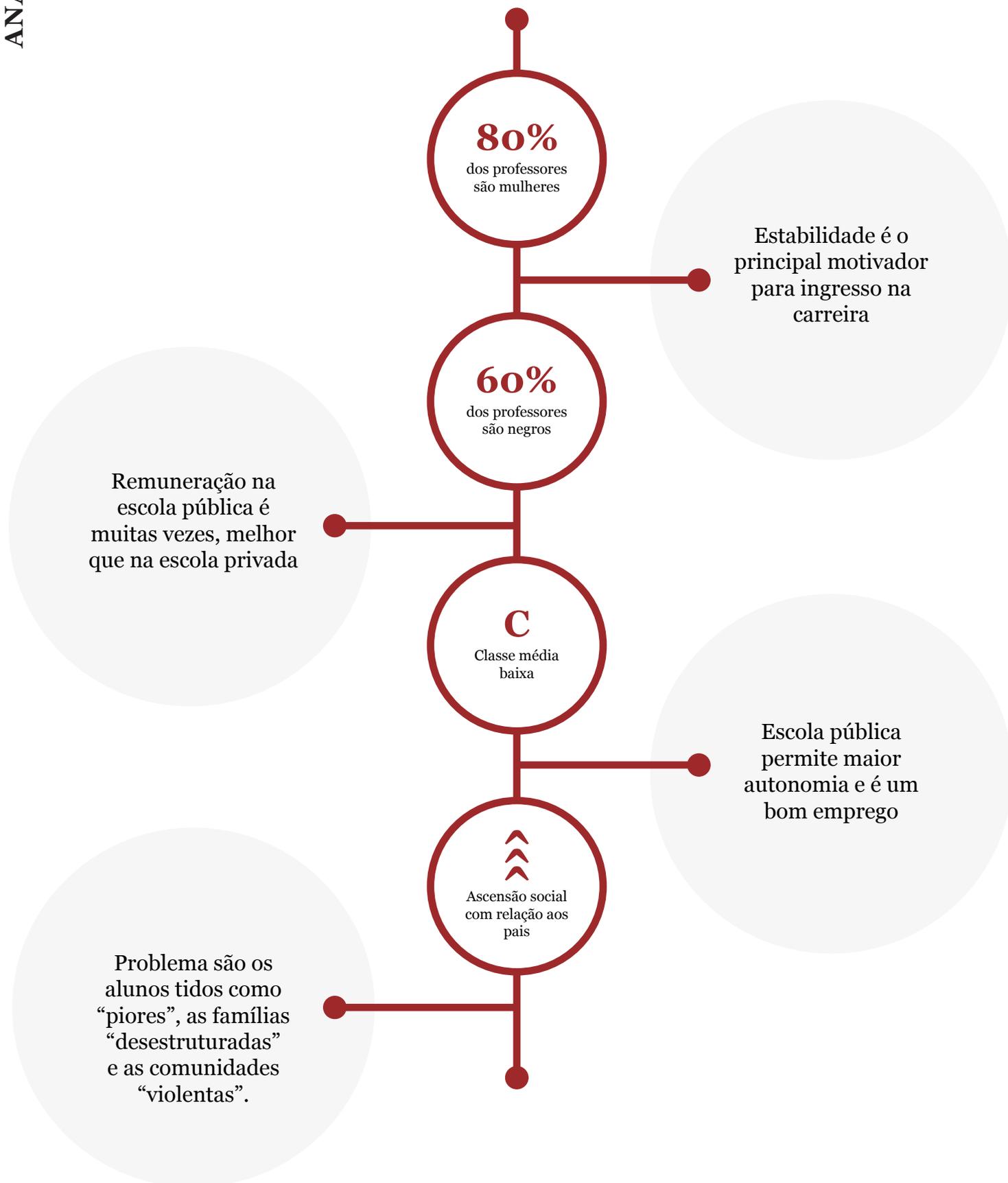
Vivência é uma ferramenta de coleta de informação baseada em técnicas antropológicas de “sombra” e “diário”, entre outras. Com essa ferramenta o pesquisador observa com detalhe as rotinas do sujeito objeto de estudo. A eficácia das vivências recai no respeito e sutileza que o

pesquisador precisa ter para não alterar a realidade e garantir a espontaneidade do sujeito objeto de estudo. Os professores que voluntariamente participaram nas vivências foram:



Análises detalhadas

o que vimos dos professores?



Sozinhos

A maior parte dos professores não se sentem e não se dizem parte de um projeto maior de escola. As relações são aparentemente cordiais, mas não há um senso de coletividade.

Sem espaço para diálogo

Sem espaço para diálogo e sem espaço de fala para debater questões importantes, como o racismo, questões de gênero

Ambiente de conflito

Se sentem em conflito com alguns colegas por diferenças de perfil e no modo como enxergam a profissão.

Despreparados frente a realidade dos alunos

Os professores precisam lidar com jovens provenientes de contextos familiares e sociais muito críticos e diferentes dos seus e a escola tem sido o único local de acolhimento para esses jovens. Essa realidade provoca um choque cultural e é algo para o qual não se sentem preparados previamente nem pela formação inicial, nem pelos governos. Se sentem despreparados também para lidar com casos de racismo, questões de gênero e outros tipos de preconceitos que fazem parte do ambiente escolar

Impotentes

Não se sentem parte de um sistema integrado e tentam lidar sozinhos com casos que precisam do apoio de outros profissionais da área de saúde e assistência social.

- Acúmulo de turnos para aumentar a renda, o que leva a jornadas exaustivas e quedas na qualidade das aulas.
- No caso das mulheres, o acúmulo de tarefas domésticas (especialmente, mães com filhos pequenos) o que as impede de investir mais tempo no planejamento e na continuidade dos estudos.
- Impotência frente aos problemas dos alunos que não conseguem resolver (carências, problemas familiares).
- Revolta frente ao descaso de alguns pais para com os problemas de seus filhos.
- Frustração pelos alunos que não aprendem e pelo desnível dos alunos com relação às exigências de cada etapa de ensino.
- Sentimento de insuficiência frente aos problemas do sistema de educação e frustração por não conseguirem produzir mudanças

dores

medos

- Medo de não gerar resultados e ter de dar conta das falhas de toda uma estrutura social a quem atribuem as causas dos problemas de aprendizagem dos alunos.
- Medo de seus alunos não aprendam e que depois os colegas venham a criticá-los como os únicos responsáveis pela ausência do aprendizado.

alegrias

- Orgulho por própria história e o patamar que conquistaram através da graduação e do concurso público
- O retorno que recebem alunos, seja em forma de afeto, resultados de aprendizagem ou melhorias de vida (alunos que se formam, que conseguem vencer alguma etapa da vida).
- Reconhecimento da direção da escola.
- Reconhecimento de pais de alunos. Atos simples como ter acesso à esses pais, receber bilhetes e a presença dos pais em reuniões na escola são vistos como indicativos de sucesso do professor, já que não são nada comuns.

- Não há expectativa de melhorias que venham de governos e do sistema de ensino. Reconhecem que houveram avanços, mas atribuem esses avanços à sua própria luta e o quanto trabalharam para se formar e para ocupar os espaços que hoje ocupam.
- Gostariam de investimentos na estrutura das escolas, mas não existem grandes expectativas quanto ao fato de que isso venha acontecer de fato.

expectativas

sonhos

- Em geral, se sentem realizados na carreira e na vida. Os sonhos são mais para os outros que para eles mesmo: ver filhos e alunos formados e construindo suas vidas.
- Não há um sonho coletivo, um sonho para toda uma sociedade

IMERSÃO NA VIDA DO PROFESSOR



**Lorena
Barbara
Santos Costa
BA**



**Luisa Torres
Furtado
MG**



**Edvalda
Souza
BA**



**Andreia
Candido
SP**



**Flavia
Freitas
DF**



**Givanilson
Soares
PE**



**Sandro
Fernandes
RJ**



**Diego Elias
SP**



**Professores
SERTA
PE**



Luisa Torres

EM Prof Lourenço de Oliveira - Belo Horizonte





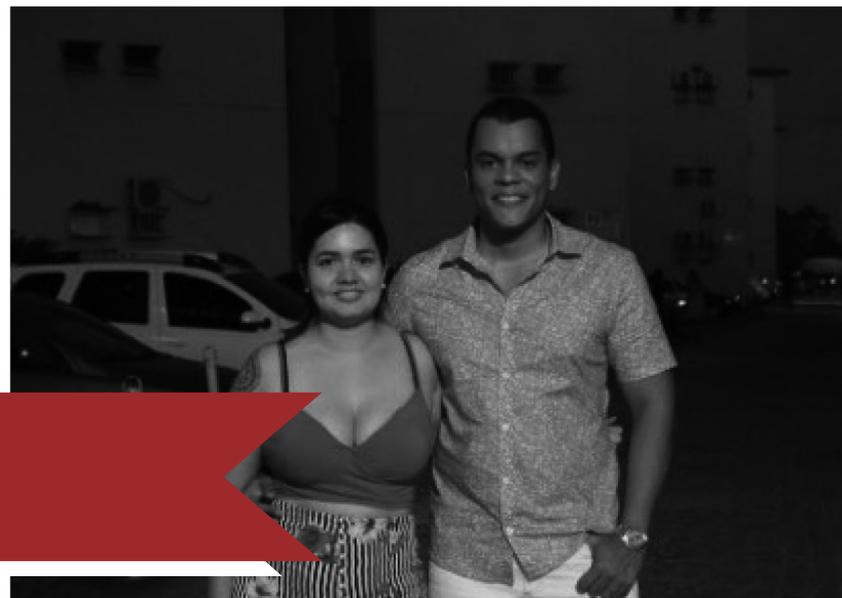
Conheça histórias
de professores
como Andrea:



Andrea Candido

EE Professor Messias Freire - São Paulo - SP





Givanilson Soares

EM Diná de Oliveira - Recife - PE



Prof. Givanilson Soares - Educação & Música
 @prof.givanilsonsoares

Página inicial
 Publicações
 Avaliações
 Vídeos
 Fotos
 Sobre

YouTube
 Instagram

Curtir Seguir Compartilhar

Status
 Escreva algo nesta Página...

Educação
 5.0 ★★★★★

Comunidade

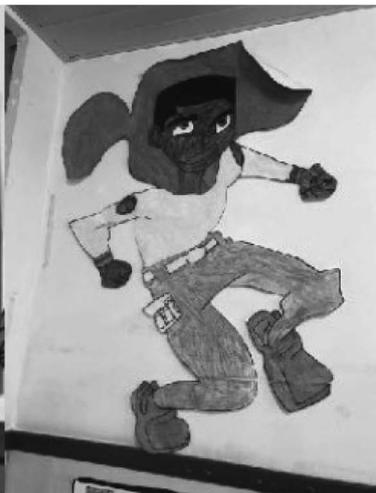


Imagem do capa
Símbolo Adinkra chamado ONNIM que significa-quem não sabe pode saber aprendendo.
Capturado da página virtual capulanas.com.br, cedido pelos organizadores.



Edvalda Lima
CE Gerhard Meyer Suerdieck - Cachoeira - BA





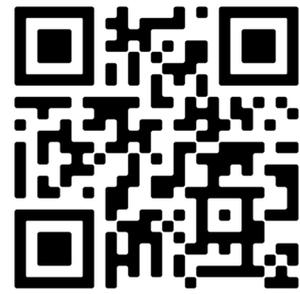
Lorena Santos

EM Gersino Coelho - Salvador - BA





Conheça histórias
de professores
como Sandro:



Sandro Soares
Colégio Pedro II - Rio de Janeiro - RJ



Flavia Freitas

CAIC Júlia Kubitschek - Brasília - DF





Diego Elias

EM Cinja Campo Limpo - São Paulo - SP



Análises e reflexões

Sistematizamos as conversas com diferentes professores e especialistas. Esse material foi base para identificar os elementos que interferem na prática do professor. Esses elementos são:

Identidade

A força das histórias de vida e das experiências pessoais são elementos determinantes das práticas dos professores. **O saber o que se quer, quem se é e qual seu lugar no mundo** é transportado para a docência.

Reciprocidade

Experiências educacionais positivas ou negativas podem mudar a relação com a educação. A influência de professores-referência é capaz de acionar o desejo de se tornar professor, seja por aspiração, gratidão ou reparação.

Afeto

Os professores **trazem em suas falas uma convicção muito forte** de que muito mais do que conhecimentos técnicos, o que conta na relação professor-aluno, nas relações de aprendizagem, é justamente o aspecto relacional, tangibilizados nas relações afetivas.

Reputação

Tanto do ponto de vista da sociedade quanto do ponto de vista do próprio professor, a **escola pública é envolta por um conjunto de simbolismos e preconceitos** ressaltados pelos especialistas entrevistados e presentes nas falas de diversos professores.

Coletividade

A falta de espírito coletivo e do senso de coletividade faz com as relações de grupo sejam frágeis. **A maior parte dos professores não se sentem e não se dizem parte de um projeto maior de escola.** Existem conflitos entre professores e no modo como enxergam a profissão.

Ambiente

O ambiente é instrumento chave na experiência educacional, seja como elemento catalizador de relações, seja como elemento que falta para produzir movimentos mais positivos na escola.

Consideramos esses 6 elementos em duas categorias de análises:

1. O professor frente ao sistema educacional
2. Os professores frente ao aprendizado dos alunos

Como mencionado na introdução deste estudo, identificamos dois tipos de dispositivos de resgate ou de ferramentais que os profissionais da educação desenvolveram: por um lado os dispositivos de resgate do aprendizado (e da prática) criados a partir da realidade do professor e por outro, dispositivos de resgate coletivo do aprendizado (e da prática docente) realizado à partir da realidade do aluno.

A seguir apresentamos esses elementos olhando em uma primeira parte, ao professor frente ao sistema educacional e em uma segunda parte, aos professores frente ao aprendizado dos alunos. Por fim, serão analisados os dispositivos de resgate, tanto individuais como coletivos, com base em elementos da relação humana e que estão por trás da mudança, do que move/movimenta aos professores.

1. O professor frente ao sistema educacional

O imaginário de escola hoje no Brasil reflete, segundo vários professores, a sociedade, seus problemas e avanços. A violência, fome, preconceito, racismo, abandono, acolhida, criatividade, inovação são ideias misturadas e presentes no imaginário desta Instituição.

Em todos os depoimentos foi identificado que a escola não é produtora de conhecimento e sim receptora dos desafios brasileiros. O professor se depara com esses entraves como uma consequência externa e não necessariamente como

uma oportunidade para construir um oasis, uma fonte de conhecimento, uma instituição produtora e não só consumidora de realidades. No entanto, como foi mencionado várias vezes ao longo da pesquisa, a sensação de paralisia e solidão impede o movimento, a mudança surgir.

Os elementos que estão por trás da mudança dos professores podem estar divididos em dois níveis: os fatores internos (o que move) e os fatores externos (o que movimenta). Todos esses elementos fazem parte do universo da relação humana, porque em essência a docência é uma profissão de conexão e relacionamento.

No nível interno se encontra a identidade (relação com si mesmo) a reciprocidade (relação histórica) e o afeto (relação de empatia). No nível externo se encontra o ambiente (relação com o espaço) a coletividade (relação com o grupo) e a reputação (relação com a imagem).

Os depoimentos que estão por trás destas análises estão exibidas nas páginas seguintes.

Identidade

A força das histórias de vida e das experiências pessoais são elementos determinantes das práticas dos professores. O **saber o que se quer, quem se é e qual seu lugar no mundo** é transportado para a docência.

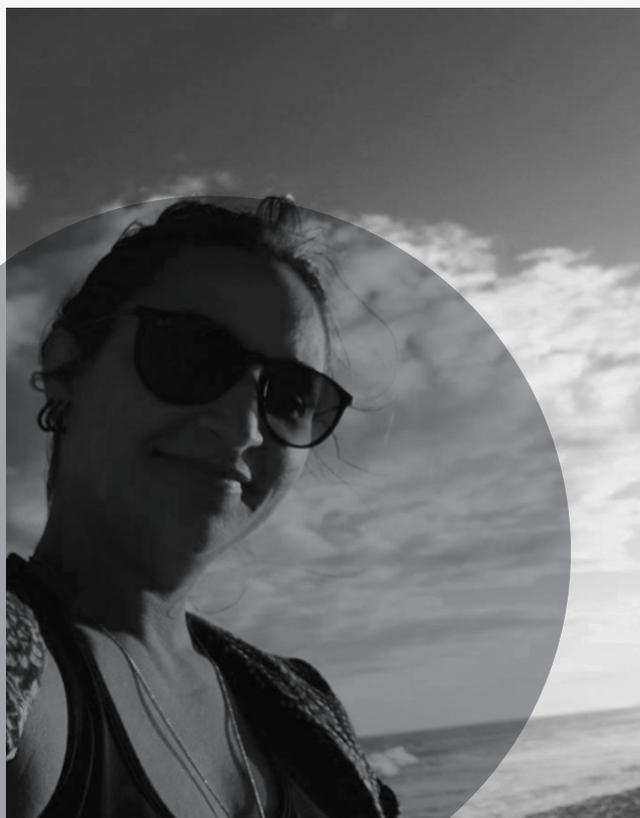


“Foi o que escolhi dentro da minha docência, então por experiência própria. A experiência fez com que eu quisesse de fato abraçar essa questão. Eu sabia que o local que eu ocupava, era um local de desprezo, era um local de falta de auto estima, um local que não tinha perspectiva de futuro. Era um local que até hoje as crianças negras ocupam. Não dá para fantasiar, porque realmente esse é o local. É local de desacreditar. Eu estou ali, mas quem acredita? Quem de fato é? Essas crianças não crescem ouvindo que são lindas, que é princesa, que é inteligente, que é rainha não. Isso não está no nosso cotidiano não. E aí com a experiência, eu fiquei naquela: o que fazer? Desde muito cedo eu queria dar uma resposta á sociedade das violências que eu sofri dentro da escola que eu estudei.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)



Identidade



“No Curso Técnico de Meio Ambiente foi onde me encontrei, que vi com o que eu gosto mesmo de trabalhar (...)

“E aí á partir dessas vivências eu quis amadurecer mais essa minha experiência, e fui para a Geografia. Eu já tinha algumas amigas que estavam fazendo, e aí fui fazer Geografia. Aí pronto; apaixonei. Se eu fosse escolher outro curso, eu faria Geografia de novo. A Geografia é um amor, porque assim, a Geografia é a ciência que analisa o espaço e como o homem reproduz esses espaços através das relações econômicas, das relações políticas, das relações culturais, das relações afetivas, de discutir qual é o lugar do homem no mundo, no espaço.”

(Luisa Torres - Belo Horizonte - MG)

Vocação





“Eu conheci esses símbolos e fui me redescobrimo como negra, a importância. Foi um choque; gente. Um choque total. Então aí eu me redescobri mesmo como negra e a importância disso, o valor disso. Enquanto a gente não enxerga isso a gente não entende o processo escravocrata, não entende o porquê de tudo que acontece hoje com relação á minha etnia. Então á partir daí você consegue ter uma discussão sobre esse assunto, e a valorização principalmente. Você se sente pertencente; protagonista dessa formação do povo brasileiro.”
(Andreia Cândido – São Paulo/SP)

”
Identidade

Reciprocidade

Experiências educacionais positivas ou negativas podem mudar a relação com a educação. A influência de professores-referência é capaz de acionar o desejo de se tornar professor.

Esse movimento de referência funciona em três eixos

Aspiração - querer ser como o outro.

Gratidão - fazer pelo o outro o que fizeram por mim.

Reparação - construir novas histórias para reparar experiências ruins de escola ou com um professor.



“Eu acho que uma das grandes influências assim é o meu tipo, o meu tio, ele é professor. Hoje ele aposentado, mas, na época, eu recorria muito a ele, às vezes dúvida assim e tal, e eu gostava da forma como ele era visto. Então eu tenho lembranças assim de criança, quando eu ia visitar ele, ele morava próximo da casa da minha avó, e aí eu saía com ele na rua, todo mundo falava com ele, todo mundo gostava dele, e isso me encantava. Eu até brincava com ele assim: Dá para ser vereador. Dá para ser prefeito. Porque todo mundo te conhece, todo mundo fala contigo. E todo mundo gostava dele, agradecia a ele.”
(Givanilson Soares – Recife/PE)

”

Aspiração

“Eu desde muito cedo, muito jovem, eu sempre pensei que seria educadora, principalmente pela minha trajetória de vida na escola. Aos treze anos de idade, não sabia ler nem escrever. Eu estava muito atrasada, no quarto ano do ensino fundamental, e me passaram para o quinto ano, mesmo sem eu saber ler nem escrever. Aí uma professora foi muito sensível com a minha situação, que não era só minha, era a situação de vários outros alunos. Ela acabou me apresentando esse mundo das letras, fazendo o processo de alfabetização. E ela sempre dizia: Você pode mergulhar no mundo, você pode viajar sem sair do lugar. As suas dores vão diminuir muito, porque você vai encontrar um universo totalmente diferente ao seu. Ela me apresentou o meu primeiro livro, que foi Vovó Delícia, do Doutor Geraldo, e aí eu ia para a biblioteca e ficava lá lendo, lendo, lendo. De fato eu consegui, né? Viajei pelo mundo sem sair do local, e aí desde o primeiro momento, foi a Professora Margarida, e desde o primeiro momento ela me incentivou a estudar.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)

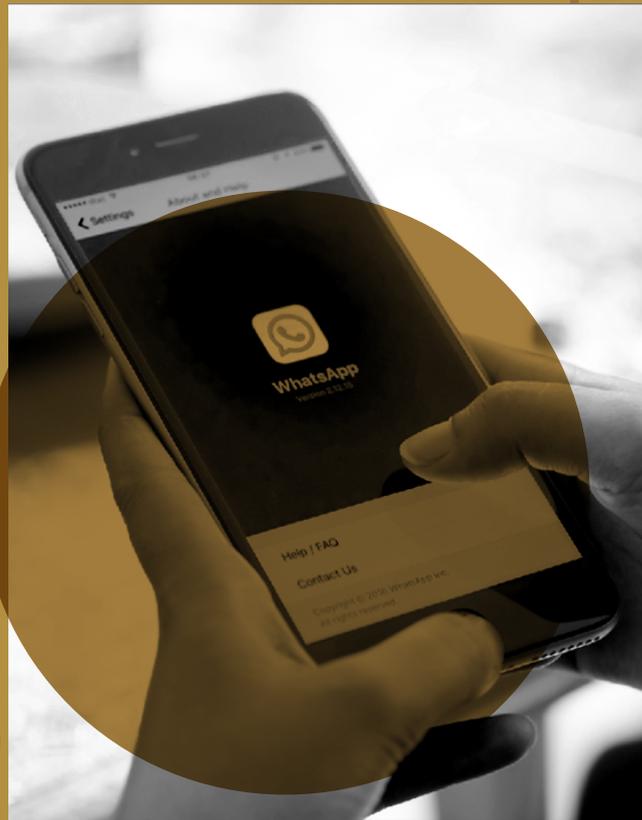
”



Gratidão

“Teve uma professora, era professora Ana, ela tinha um bebê. Éramos dezessete alunos foi lá em Simões Filho e ela era professora de matemática, mas ela tinha uma sede de que a gente aprendesse. Ela só trabalhava na escola de manhã, ela falava que a gente podia ir para casa dela a tarde para treinar lá e lá ela dava aula, não era nada cobrado, ela queria que a gente aprendesse. Aquilo foi muito marcante porque de repente ela estava com a gente e o bebe chorava, ela não tinha que fazer aquilo, era fora do horário dela, então aquilo me marcou muito. Ela morava na rua da escola, uma pessoa muito bonita por fora e por dentro”.

(Fem – 40 anos – Salvador/BA).”



Gratidão



“Eu lembro que essa professora pediu para fazer um desenho e aí eu fiz aquela desenho que vinha na minha cabeça e era um desenho muito diferente do que ela estava pedindo na época e eu lembro que ela pegou meu desenho mostrou para todo mundo da sala, eu tinha uns seis anos de idade,expos para todos os meus colegas falando, olha que desenho feio que ela fez, ela não colocou olho no sol, não fez isso, criticando. Isso de certa forma me impediu muito que eu prosseguisse, tanto é que meu sonho era entrar na aula de pintura. Minha mãe com muita sabedoria foi conduzindo isso muito bem e logo depois ela me colocou em aula de pintura. Eu me lembro disso, mas não é uma coisa que me afeta mais, eu consegui superar”.

(Fem – 49 anos)

Reparação



“Tem uma que está saindo agora em Pedagogia, está se formando. E aí ela sempre me agradece. Eu fui professora dela no primeiro, segundo e terceiro ano, então deu para trabalhar legal, e de fato o que eu faço é legal, está certo.”
(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)

”
Gratidão

“A diferença, principalmente a diferença que eu consigo fazer na vida de algumas pessoas. Participar da história de algumas pessoas e ter uma contribuição lá. Hoje eu estava vendo no Facebook uma ex-aluna minha que está se formando em Medicina. E eu fico feliz com isso, sabe? A menina estudou em escola pública, e lá foi minha aluna e hoje ela está se formando em Medicina..”

(Givanilson Soares – Recife/PE)



”

Gratidão

“Tem muitos alunos meus que hoje em dia chegam lá na rede social, no Facebook, e agradece por ter conseguido tal coisa, por ter mudado o pensamento... E você foi um dos influenciadores para isso. Aí esse sucesso profissional é o que mantém essa esperança. É a esperança nesse sentido de saber que não é o ideal, mas estou ajudando algumas pessoas. Eu acho que isso nos deixa feliz, no final das contas.”

(Givanilson Soares – Recife/PE)



Gratidão

”

Afeto

Os professores **trazem em suas falas uma convicção muito forte** de que muito mais do que conhecimentos técnicos, o que conta na relação professor-aluno, nas relações de aprendizagem, é justamente o aspecto relacional, tangibilizados nas relações afetivas.

“Eu não sei trabalhar sendo conteudista. Você não vai mudar a realidade desse jeito. Vou. Porque uma hora eles vão ter gosto por estudar. Eles vão ter vontade de estudar. Eu incentivo muito a leitura, porque eu acho que a leitura é transformadora. Mas eu não cobro dos meus alunos que eles saibam multiplicação ainda. – Não, Flávia, mas eles vão precisar. Vão. Mas não adianta eles saberem uma conta de multiplicação se eles não sabem escrever, se eles não sabem ler, se eles não sabem a história da vida deles, se eles não sabem onde que eles nasceram, se eles não sabem falar como que funciona a rotina na casa deles.”

(Flávia Freitas – Brasília/DF)



Afeto



“O meu objetivo maior não é só passar o conteúdo não. É fazer com que eles entendam que aquele lugar é importante, e que eles são importantes também. Que a mudança há de acontecer, mas se acontecer neles também. Porque quando você tem essa mudança, você automaticamente corre; você garimpa atrás do conhecimento. O conhecimento está aí. Se você quiser, você vai buscar ele em qualquer expediente. Você consegue, mas e aí? Se você não conseguisse ver, se não conseguir? E aí é o que eu faço.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)

Afeto

”



“Qualquer pessoa é capaz de ensinar outra pessoa a ler e escrever. Agora, você ser capaz de fazer o aluno acreditar nele mesmo, ser uma pessoa mais feliz, se aceitar como ele é... Os alunos não se aceitam negros, por exemplo. Eles falam que ele são marrom, bombom, chocolate... Mas não se aceitam negros. Quando eu falo: A questão da cor da pele da gente é a gente que se enxerga, eu me vejo negra. Eu me vejo preta.”
(Flávia Freitas – Brasília/DF)

”
Afeto

“Em algum momento; foi quando eu conheci essa professora lá na quinta série, que ela disse para mim que era possível. Até ali eu só ouvia que não era possível. Que eu tinha um futuro onde eu iria engravidar cedo, onde eu não tinha perspectiva, não tinha futuro. Eu não entendia o que eu estava fazendo na escola até aquele momento. Porque depois eu entendi que eu podia sim, que era assim um mecanismo de luta, um mecanismo de sair do lugar que eu estava; que era muito humilde. Era um lugar onde poderia me propiciar uma realidade diferenciada.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)



”

Afeto

“Amor transforma. Eu tenho uma outra aluna minha que uma professora falou assim: Nossa, ela era terrível! Que não sei o quê, papapá. Cara, a menina é um doce. A menina é um anjo, a menina não me dá trabalho nenhum. Eu falo: É, mas o amor transforma.”

(Flávia Freitas – Brasília/DF)



Afeto



“Eu era daquela professora que levava os meus meninos da sala para minha casa, morava ainda com os meus pais. Uma vez eu cheguei lá em casa com uma aluna cheia de piolho e falei para minha mãe que era para nós cuidarmos dela. Eu ficava preocupada quando chegava no final de semana, o que será que fulano está fazendo, como será na casa dele. Às vezes eu ia nas casas para conversar sobre o comportamento, fui até advertida na época pela diretora. Eu me deparava para reclamar do comportamento do menino de repente eu saía de lá tão chocada e eu procurava entender porque ele agia daquela forma, enquanto eu estava reclamando de uma coisa tão pequena e problema dele era uma coisa tão grande diante do que eu estava levando.”

(Fem. – 49 anos – Montes Claros/MG)

Afeto

”



“Algumas palavras: acolhimento, identificação, afeto...faz a total diferença. É porque a palavra acolhimento diz não só de receber vocês, da preocupação de atender no final de semana, de fazer as coisas acontecerem, mas essa preocupação para com o outro..”

“O x da questão é o vínculo. É o acolhimento, é a identidade. Como que eu vou deprender de alguém que está me acolhendo?”

(Diego Elias – São Paulo/SP)

”

Afeto

Afeto para aproximar os conteúdos dos alunos e suas vidas.

O afeto é o elemento utilizado para lidar com o principal problema de aprendizagem apontado pelos professores que é o desnível das turmas com relação aos currículos e materiais didáticos disponibilizados pelos governos. Os professores que se preocupam passam a:

- desenvolver o próprio material pedagógico.
- adequar o conteúdo dos currículos à realidade dos alunos.
- construir nos alunos o desejo de aprendizagem.

Então eu tenho que buscar produzir algo que naquele momento vai ser mais interessante para o aluno aprender do que o que está no livro, produzido por alguém que não pensou no meu aluno. Um livro que foi pensado em um parâmetro de aluno, dentro daquele nível de ensino, mas a gente sabe que muitas das vezes não é a realidade da escola pública. Como eu tenho, por exemplo, aluno de 50 ano que não lê e não escreve. Então, eu preciso fazer algo para que contemple a aprendizagem dele

(Lorena Santos - Salvador - BA)



Afeto



Eu sempre parto da realidade deles. Para eu começar a trabalhar com eles, eu preciso saber o que eles são capazes de fazer. Então eu nunca chego com nada pronto sem antes saber quem é aquele aluno que eu estou recebendo na sala de aula então, se o aluno só consegue ler uma sílaba, eu tenho que começar o meu trabalho com ele a partir do que ele lê, que é uma sílaba. Se um outro aluno consegue ler uma palavra, eu vou começar a trabalhar com o aluno a partir daquela palavra que ele já consegue ler, que é familiar para ele.

(Lorena Santos - Salvador - BA)

Afeto

”



“Que eu sempre trabalho com 50 ano. Muitos alunos que ainda estão numa fase pré-silábica da escrita. Então isso me chocou muito. Como que eu trabalho agora com esses alunos de 50 ano, os conteúdos que precisam ser trabalhados nessa série, se o aluno não consegue ler nem escrever? Então eu preciso pelo menos fomentar o desejo dele de gostar de ler, porque a partir daí eu vou conseguir outras coisas. E aí é isso que eu tenho feito, né? E eu já estou percebendo os avanços, os alunos que pedem para levar o livro para casa. Porque eu não acho legal obrigar o aluno a ler. O aluno tem que perceber que é importante a leitura para ele. E que ele goste de ler por prazer. Então se ele começa a me dar esse resultado, eu já fico feliz.”

(Lorena Santos - Salvador - BA)

”

Afeto

“Ó, isso aqui foi uma atividade, que as meninas prepararam para colocar no caderno dos meninos. Leiam essa atividade aqui e vejam se isso aqui faz algum sentido para uma criança do 4o ano. Eles não têm ideia do que foram esses cartógrafos, eles não têm ideia do sentido que tem essas datas... Eles não tem ideia disso. Eu não dei essa atividade, eu uso como rascunho essas folhas. Porque para mim não faz sentido. O que faz sentido para mim é explicar para eles como era o Planalto Central antes da chegada dos portugueses, quem morava aqui, o que a gente aprendeu com os índios...”

(Flávia Freitas – Brasília/DF)



”

Afeto

Reputação

Tanto do ponto de vista da sociedade quanto do ponto de vista do próprio professor, a **escola pública é envolta por um conjunto de simbolismos e preconceitos** ressaltados pelos especialistas entrevistados e presentes nas falas de diversos professores.

“Eu acho que o pensamento que eles têm de escola pública é que a escola pública é ipis litteris o pior dos mundos. Que é o pensamento que está aí, que rege a visão do Brasil sobre a escola pública. São visões totalmente reducionistas e absolutamente incapazes de refletir, de fato, a realidade como ela é – que é muito mais complexa do que isso –, e que desfavorece uma relação saudável entre professor e Secretaria, professor e Governo. E o professor é um funcionário do Governo, é um servidor público. Tem que conseguir ver ali uma outra coisa, uma área cinza onde, sim, tem muito problema, sempre, mas que você tem espaço para atuar, para melhorar, que você está lá, você é um ator ali dentro, você tem agência, você consegue fazer alguma coisa também.”

(Teca Pontual – Rio de Janeiro/RJ)



Imagem da escola pública



“A maioria dos professores da escola, eles são formados em universidades privadas. Infelizmente a quantidade de profissionais que são formados pelas universidades públicas que chegam, é muito pequena se comparada ao universo de profissionais que são formados pelas instituições privadas, e aí você tem uma diversidade enorme de formas, de instituições, de metodologias de organização. Então por conta disso também você tem uma grande diversidade de profissionais que chegam ao sistema, em concursos públicos, mas se for olhar a realidade concreta do cotidiano da sala de aula, muitas vezes o profissional demonstra que ele não teve a devida formação para enfrentar esse cotidiano, e tem dificuldades das mais diversas ordens.

E aí entra em cena uma figura importantíssima, e ganha outra conotação que são ações continuadas, para dar condição de esse profissional lidar melhor com os desafios do dia a dia da sala de aula.

(Alessio Costa Lima - SP)

Formação inicial inadequada

Pontos positivos

- Um bom emprego
- Possibilidade de trabalhar em um turno.
- Não tem a relação patronal tão impositiva quanto na escola privada, onde se sentem “empregados”.

- Estabilidade
- Possibilidade de mais tempo com os filhos.
- Não tem a cobrança considerada “excessiva” dos pais da escola privada.

Pontos negativos

- Insuficiência das iniciativas individuais.
- Problemas de saúde mental.
- Não se coloca como corresponsável.

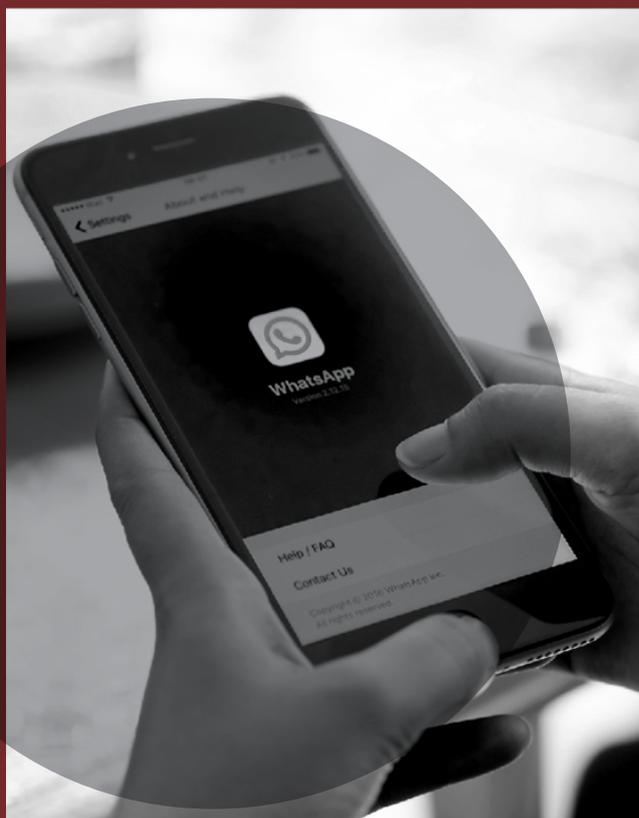
- Professor desgastado e cansado.
- Falta de esperança.
- Responsabiliza todo o sistema, alunos e famílias

“Aquele velha história da estabilidade. Né? Eu acredito que foi isso mesmo, a estabilidade. Eu tenho quatro filhos. Então eu trabalhei muitos anos em escola privada. Trabalhei seis anos como auxiliar de coordenação numa escola muito boa daqui. Saí, passei mais seis anos em outra escola muito boa. Quando eu passei no concurso, eu trabalhava nessa segunda escola como auxiliar de coordenação. E eles nem queriam que eu saísse. Então eu acho que foi mais pela estabilidade realmente. No momento, foi a estabilidade”.

(Fem. – 40 anos – João Pessoa/PB)



Estabilidade”



“Na verdade, eu fiz o concurso, a princípio, foi por questão de estabilidade mesmo, necessidade de trabalho mesmo, questão do econômico mesmo. A princípio, foi por isso, eu fiz por isso. E, assim, o concurso eu fiz por que eu trabalhava no Distrito Industrial daqui de Manaus, numa empresa, e era uma coisa que você não tem garantia de nada.”

(Fem. - 37 anos – Manaus/AM)

Estabilidade”



“Na verdade, eu fiz o concurso, a princípio, foi por questão de estabilidade mesmo, necessidade de trabalho mesmo, questão do econômico mesmo. A princípio, foi por isso, eu fiz por isso. E, assim, o concurso eu fiz por que eu trabalhava no Distrito Industrial daqui de Manaus, numa empresa, e era uma coisa que você não tem garantia de nada.”

(Fem. - 37 anos – Manaus/AM)

Pública x privada

“Aquela velha história da estabilidade. Né? Eu acredito que foi isso mesmo, a estabilidade. Eu tenho quatro filhos. Então eu trabalhei muitos anos em escola privada. Trabalhei seis anos como auxiliar de coordenação numa escola muito boa daqui. Saí, passei mais seis anos em outra escola muito boa. Quando eu passei no concurso, eu trabalhava nessa segunda escola como auxiliar de coordenação. E eles nem queriam que eu sáisse. Então eu acho que foi mais pela estabilidade realmente. No momento, foi a estabilidade”.

(Fem. – 40 anos – João Pessoa/PB)



Comunidade carente

“A escola dentro da comunidade é outra realidade. Então você pega aluno menos interessado, menos informado, e você tem que se adequar. E a escola também. A estrutura escolar é difícil, não tem material, você tem que se adequar á tudo isso. E a gente não imagina isso lá na faculdade.”

“Eu acho a falta de material para trabalhar com os alunos complicado. Porque as vezes você tem muitas ideias, as vezes você tem um aluno que responde, mas falta o material para fazer uma coisa melhor do que o que ele tem.”

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)



Falta de recurso



“Assim, eu acho que o problema maior... dois problemas assim que eu posso elencar como maiores, que é o acompanhamento da família, que são poucos alunos que têm acompanhamento familiar, e chegar junto mesmo, conversar com eles, incentivar essa questão do estudo..... E até o apoio do próprio professor, conseguir falar com mãe, conseguir falar com o pai, conseguir falar com algum responsável é difícil. E a questão da agressividade deles. Então, assim, dentro da sala de aula você tem que estar o tempo inteiro bem atento para resolver a questão dos conflitos ou evitar que tenha determinados conflitos. Porque eles trazem para a sala uma agressividade muito grande. Não são todos, mas, infelizmente, a maioria da turma que chega assim. E aí eu tenho que fazer com que isso não aconteça.”

(Givanilson Soares – Recife/PE)

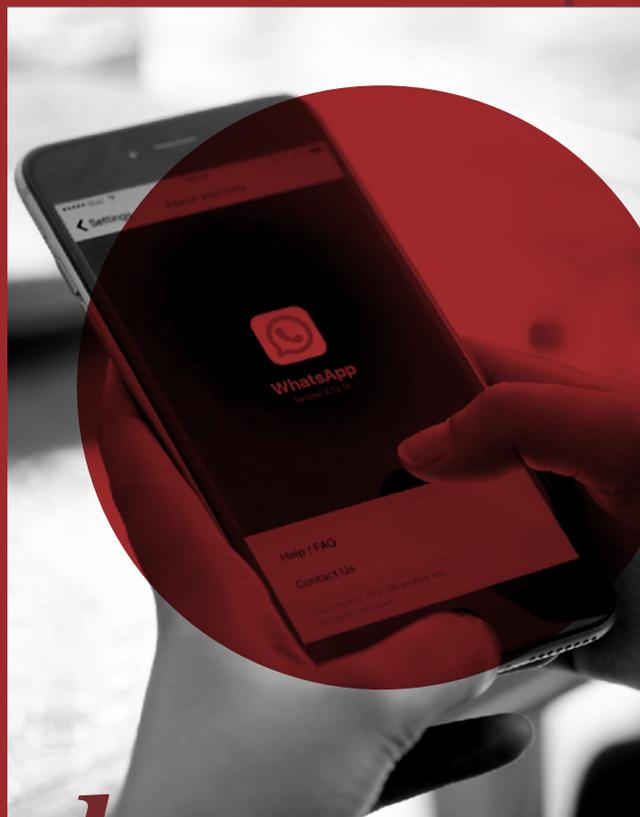
Família ausente

Choque cultural dos professores com a realidade das escolas e dos alunos

Os professores precisam lidar com jovens provenientes de contextos familiares e sociais muito críticos e diferentes dos seus e a escola tem sido o único local de acolhimento para esses jovens. Essa realidade provoca um choque cultural e é algo para o qual não se sentem preparados previamente nem pela formação inicial, nem pelos governos. Existe uma defasagem no entendimento dos professores com relação à realidade dos alunos e à realidade brasileira. E, em correlação com esse fato, apresenta-se a falta de preparo do professor para lidar com o outro, para olhar para o outro e para a comunidade.

“ Foi, foi um susto, um susto. Para eu chegar na escola, para começar a minha aula de sete e meia da manhã, eu tinha que estar no ponto de ônibus às cinco da manhã. Muito longe. Muito longe. Então era muito complicado mesmo. Então a gente passou um monte de tempo sem merenda na escola. Digo, a merenda existia, mas pela falta d’água, a escola só servia biscoito com doce. Ou então pão com doce. Era mais ou menos isso. (...) Seguir com esses questionamentos foi difícil, né? Eu ou então aceitaria as condições ou eu mudaria de profissão.

(Mas – 29 anos – Vicência/PE)



Choque cultural



“ Quando eu entrei no Messias eu estava muito assustada por que era muito diferente do que eu pensava, mas eu estava ali para aquilo, e eu fui fazer.

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)

Choque cultural

Falta de consciência do papel público do professor

É ainda incipiente o entendimento do professor em relação a seu papel como “servidor público”, no que diz respeito não ao caráter burocrático, mas ao caráter de sentido coletivo do ofício, dos valores de interesse público que ele envolve, das questões de política pública.



*Quem tem essa consciência
do papel do servidor
público, em geral, são
pessoas que têm formação
em movimento social e
jovens com propósito
de transformar suas
comunidades.*





“Todos meus colegas de faculdade são filhos de movimentos sociais ou culturais, políticos, religiosos... E aí, quando eu saio da Faculdade e eu volto para a sala de aula, eu volto com essa responsabilidade de ser referência e de auxiliar alunos.

(Diego Elias – São Paulo/SP)

Movimento social

“Eu venho de uma família de muitas professoras. Uma família pedagógica, muito politizada. Então, assim, é da minha família, sabe? Eu acho que está no sangue. É pensar a questão da sociedade mesmo. Educação transforma. Só educação transforma. Não tem outra forma de você mudar o mundo senão pela educação. Não existe outra forma.”

(Flávia Freitas – Brasília/DF)



” *Formação ética*



*Os preconceitos arraigados
na sociedade – social,
racial, gênero etc – se vêem
refletidos e reforçados
dentro do ambiente escolar.*

Aproximadamente

80%

são mulheres

60%

são negros



“Eu acho que o mais difícil na escola, de violência, são essas violências, vamos dizer assim, elas são simbólicas, mas elas causam sofrimento. É a discriminação da sua orientação sexual, é o racismo, as meninas que são violentadas por ser mulheres, que são intimidadas porque o menino acha que pode passar a mão. O machismo faz isso. E essas coisas muitas vezes elas não são devidamente tratadas e hoje mais ainda, o professor tá acuado. Porque você tem projetos que diz que não se pode tratar de determinados, quer impor uma censura, né? Quer dizer, essa tentativa de impor uma censura ela é terrível.”

(Macaé Evaristo – Belo Horizonte/MG)

”*Preconceito*“

“É muito doido. E eu vou dizer que não é só a comunidade, não é só o pai de aluno, mas os próprios colegas. Eu vi isso aqui dentro claramente. Eu tive uma professora maravilhosa, e ela é negra, e ela foi espezinhada aqui dentro, foi muito difícil pra ela. Porque ela é linda, maravilhosa, inteligentíssima, ela é uma atriz e tudo que ela fazia os colegas arrasavam. Ela foi embora daqui por conta disso. Qualquer deslize dela virava um monstro.”

(Ana Elisa Siqueira – São Paulo/SP)



”*Preconceito*“

“Eu sempre tenho que provar para alguém que eu sou boa o suficiente para estar lá. Eu sempre tenho que provar. Todos os dias que eu saio de casa às seis horas da manhã, alguém vai questionar o fato de eu ser professora. Não nessa escola, mas recentemente eu estava lecionando numa escola municipal, e aí uma professora foi assaltada durante o caminho no percurso para a escola, e eu vinha logo á frente dela. Aí com cinco minutos ela chegou e estava todo mundo conversando e eu falei: eu passei e nem vi o rapaz que provavelmente tenha lhe roubado. Aí ela: - É; professora, a senhora nunca seria roubada. Eu falei: não entendi; professora? - Porque você não tem cara de professora. Então professor nesse país tem cara? E eu não sou a cara dele. Eu olhei para ela: professora; o quê? Não tenho cara? Não estou entendendo. Eu não me porto como aluno. Eu não me visto como aluno. Então porque eu não tenho cara; professora?”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)



Preconceito



“Eu tenho muito colar, eu ando muito com colar. Eu gosto muito, sempre tive muito essa coisa do colar, e a professora Patrícia nem tanto quanto eu, então talvez chocou mais ela estar com a Guia. E aí um aluno foi agressivo com ela: Aí professora; não quero mais você porque você é macumbeira. Não foi nesse tom, naquele tom mesmo agressivo.”

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)

Preconceito

Racismo

Ao racismo e ao preconceito são atribuídos problemas de aprendizagem e evasão escolar, já que trazem bloqueios emocionais difíceis de serem destravados.



“Porque a minha professora do ensino fundamental não era formada, não tinha uma preparação que é necessária ter, até para você saber se comportar em determinadas situações com o aluno. Ainda mais nas séries iniciais que você sabe que é o momento em que o menino vai ter um contato maior. Ele sai do ambiente da família, ele vai para escola, e ele vai descobrir as diferenças. O outro é diferente. Como é que o outro é diferente, como é que essa diferença será me apresentada. E aí no meu caso, quando eu fui... Na escola; o que eles chamam de bullying, que para mim é racismo, eu sempre era a vítima. Minha professora da terceira série, em um determinado dia, os meninos estavam me abusando como sempre faziam, e eu fui lá na professora, desesperada e chorando: eles estão me abusando. De quê? Aí eu repeti para ela. Boca de... Nem lembro os adjetivos que tentavam me desqualificar sempre. E aí ela olhou para mim e sorriu. Ela abaixou o rosto e sorriu. Ela concordou; não é? Eu nunca mais briguei com os meninos porque eles estavam me abusando não. Aquilo dentro de mim era como se já tivesse internalizado na verdade. A professora sorriu. Ela concordou. E aí eu cresci.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)



Preconceito



“Eu me lembro de um aluno que foi chamado de macaco por outro colega. Foi na minha aula, nunca vi alguém chorar tanto. Semanas depois, vi ele no farol. Me senti muito mal. Eu perdi esse aluno. Eu perdi esse aluno para o farol.”

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)

Preconceito

Gênero

As professoras que contam com menos parcerias familiares e menor rede de apoio (justamente aquelas em maior situação de vulnerabilidade) têm mais dificuldade de dar continuidade aos estudos e se qualificarem para progredir na carreira.



Dinha



- » **Graduada em história Chefe de família.**
- » **Quer fazer um mestrado, mas não sabe quando.**
- » **Dorme apenas 4 horas por noite. Dificuldades para ir ao trabalho quando a filha está doente.**
- » **As horas de planejamento escolar acabam sendo utilizadas para cuidar das questões de saúde, da casa e de outros cuidados com a filha.**

Lorena



- » **3 pós-graduações.**
- » **Participa constantemente de atualizações.**
- » **Muita leitura e informação. Professora muito premiada. Atribui seu sucesso às parcerias do marido e família.**
- » **Trabalha em 2 municípios**
- » **Sonha com um mestrado na área de educação**



“

A escravidão separou e desestruturou nossos núcleos familiares, nos tirou também o direito à família. Ainda estamos aprendendo o que é constituir uma família.

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)

”
Estrutura familiar

“As pessoas às vezes se assustam: “Como que você consegue dar conta disso tudo e ainda viver assim feliz e tal?” Eu consigo conciliar tudo com as parcerias que eu tenho. Eu tenho um marido que é muito parceiro na minha vida, né? Me ajuda em tudo, é o que me auxilia em tudo. A minha filha mais velha com a menor também me ajuda muito, a minha mãe, os meus vizinhos aqui, para o que eu preciso na minha vida, se eu precisar sair e deixar as minhas filhas com eles, eles olham. Então a gente aqui é uma família, né? Tudo isso só dá certo por que a gente tem a troca, a parceria, o amor, a união. Porque se não fosse isso, esses elementos básicos, nada ia acontecer na minha vida. Então eu tenho a confiança: “Eu posso fazer isso porque eu tenho com quem contar”

(Lorena Santos - Salvador - BA)

”
Estrutura familiar

“A nossa classe é uma classe que passa por vários problemas sociais. Vocês acompanharam. A gente tem uma vida fora da sala de aula, mas a gente passa o dia todo dentro da escola. Então o pouco tempo que tem; muitas vezes a gente não consegue nem preparar de fato boas aulas, bom material, porque a gente tem os outros afazeres.”

(Edvalda Lima - Cachoeira - BA)



”
Estrutura familiar

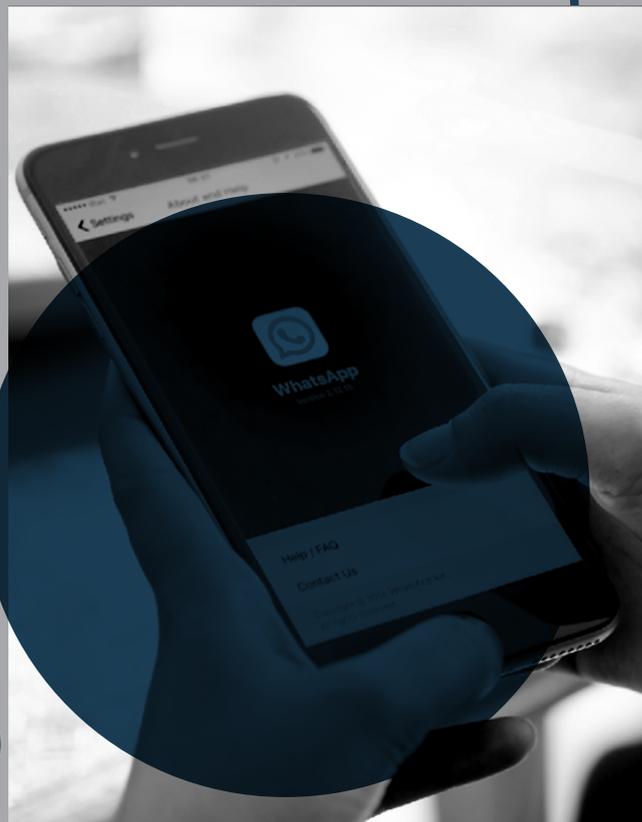
Coletividade

A falta de espírito coletivo e do senso de coletividade faz com as relações de grupo sejam frágeis. **A maior parte dos professores não se sentem e não se dizem parte de um projeto maior de escola.** Existem conflitos entre professores e no modo como enxergam a profissão.

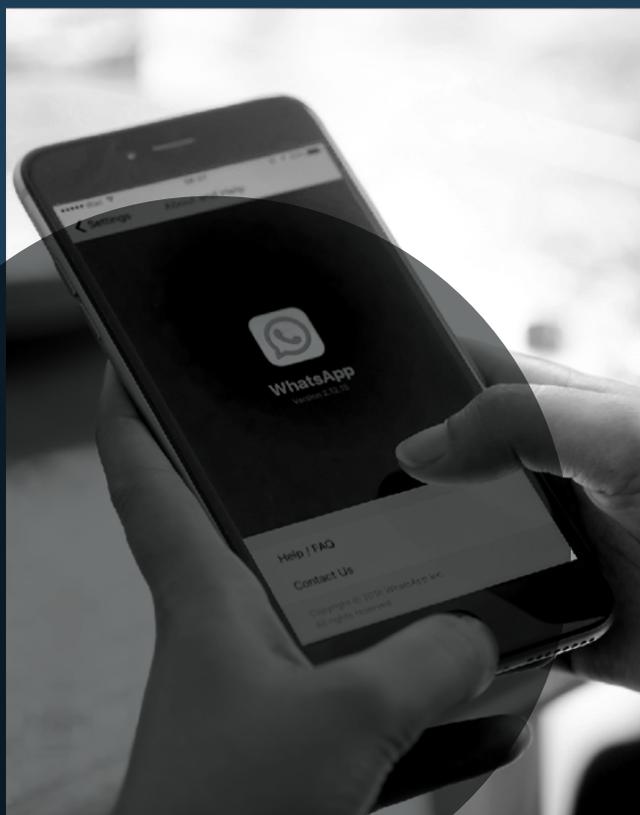


“Mas, assim, as nossas conversas, elas são mais em nível de reclamação, do que outra coisa. É. Porque o professor, ele tem a mania de reclamar demais, para caramba. Então as nossas conversas... Hoje mesmo foi uma que nós estávamos, durante o intervalo, reclamando de questão salarial. Reclamando de falta de apoio do poder público. Então, as conversas que a gente tem elas ficam mais em torno disso, giram mais em torno de reclamação mesmo. Os projetos que a gente desenvolve lá são projetos pontuais por exemplo, está sendo desenvolvido um projeto lá para a gente poder fazer uma atividade diferente com relação ao dia das mães. Mas até isso a gente discute pouco. Fala pouco”.

(Mas - 41 anos – União/PI)



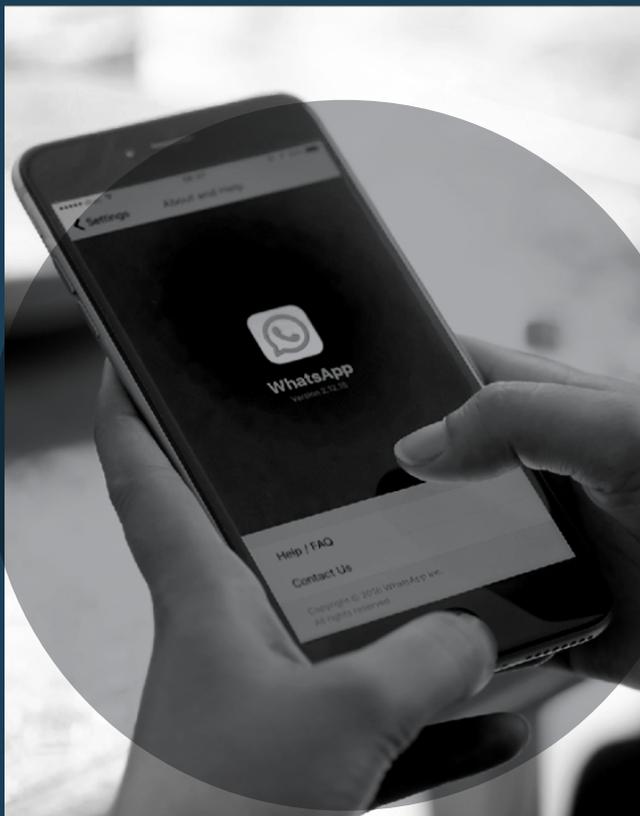
Coletividade”



“Como, na realidade, eu não tenho muito tempo para estar conversando, então é só o básico mesmo. A gente chegou: “Boa tarde”, e cada um vai para a sua sala, no final do horário, às vezes, é dez minutinhos, quinze minutinhos, se conversa o básico, ou na hora do intervalo, mas também assuntos relacionados à profissão ou uma coisa fora do assunto: questão de violência, política, isso e aquilo outro. E fora do ambiente escolar também, tem algumas pessoas, alguns amigos que são professores, aí acabamos não falando muito de sala de aula, é mais de outras temáticas”.

(Mas - 29 anos – Vicência/PE)

Coletividade”



“Pouca gente está preocupada com a capacitação dos alunos, o que ele pode fazer de diferente. A maioria dos professores não tem essa visão. Não sei qual é a realidade no seu estado; entendeu? Mas a realidade aqui é um pouco bem disso. Ela não é essencialmente isso que eu estou falando, mas a grande maioria, uma boa parte está muito preocupada com o seu umbigo.”

(Mas – 48 anos – Mesquita/RJ)

”
Coletividade



“Se você considerar, oitenta por cento dos municípios tem menos de cinquenta mil habitantes. Então são municípios que tem redes menores, e tem uns dados que eu fiquei surpreso, pois estava observando, a quantidade de escolas, então assim, a maioria dos municípios tem menos de quinze escolas em suas redes. São cidades com certeza pequenas, que com certeza são formadas por unidades escolares também pequenas. Aí realmente um trabalho coletivo, articulado pela Secretaria Municipal de Educação, seria capaz de romper com essa barreira, o isolamento do professor em pequenas ilhas isoladas, distantes. Muitos municípios apostam nessa estratégia de fazer um planejamento coletivo.

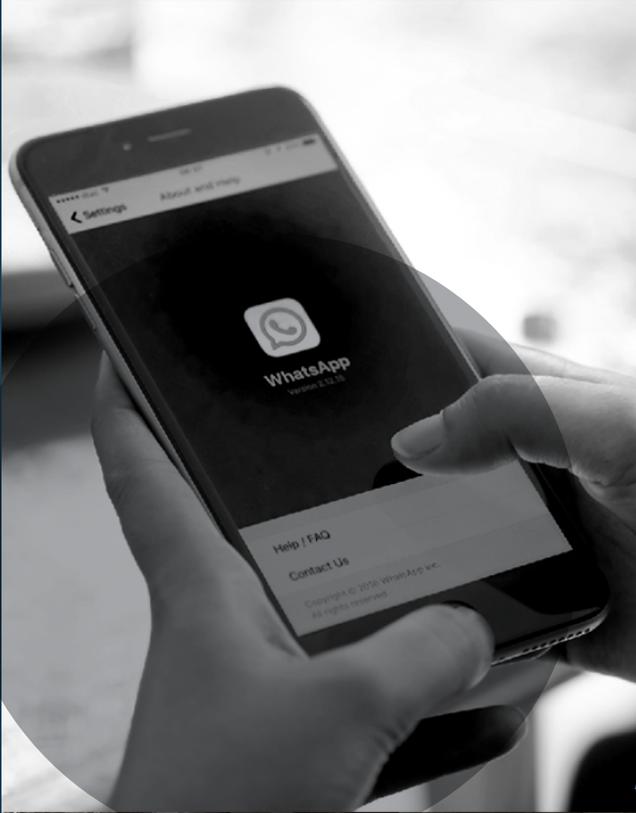
(Alessio Costa Lima - SP)

”

Formação inicial inadequada

Muitos desses professores não possuem a consciência de que fazem parte de um sistema integrado e tentam tratar sozinhos os casos que surgem em sala de aula o que, a longo prazo, aumenta a sensação de impotência. Outros gostariam de mais apoio de equipes de psicólogos e assistentes sociais, mas não sabem quais os caminhos institucionais para conquistar essas parcerias.



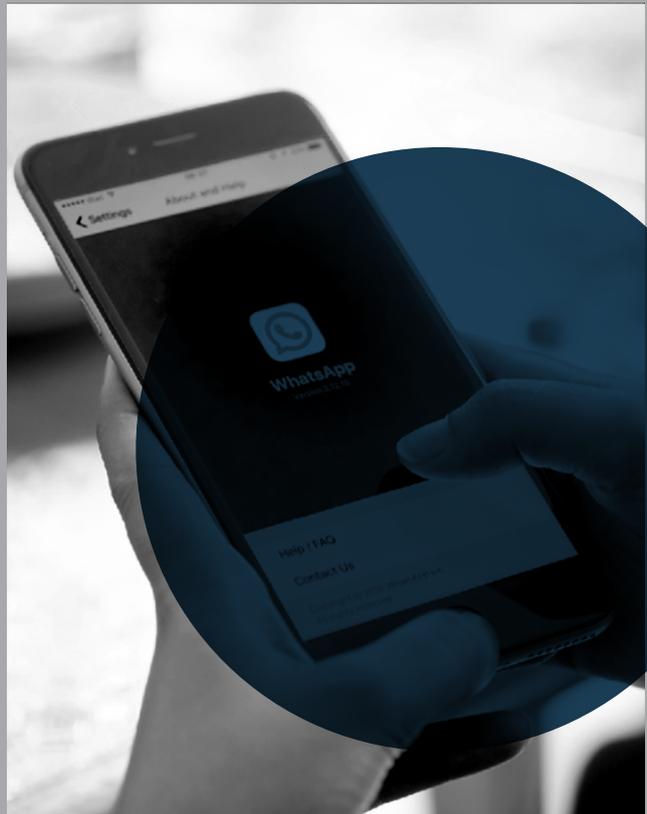


“E tem um que me marcou demais, eu chorei, mas chorei muito quando esse menino faleceu. Porque ele me pedia ajuda o tempo inteiro para sair das drogas. Ele falava: “Eu não quero mais isso, eu não quero ficar”. E quando ele estava em abstinência, ele segurava a minha mão, mas ele tremia, tremia... Ele falava: “Eu não quero, eu não quero usar, eu não quero”. E ele pulou numa duna de areia aqui e estava ligada a máquina. Então ele acabou se afogando, porque tinha água no meio e não conseguiu sair mais. E eu tinha sentado na semana com ele para a gente conversar, para ver o que a gente ia fazer...”
(Fem – Taubaté/SP)

Desintegração

“Mas isso, nossa, menina, eu chorei uma semana pela morte dele, sabe? Por eu não conseguir fazer nada e aí enche a cabeça de droga, vai fazer qualquer coisa e acaba morrendo também, né? Então, são essas coisas que fica com a gente. E aí você fala: “Poxa, como que eu posso...?” Porque é aquilo que eu falei, eu me senti inútil: “Por que eu não ajudei aquele menino? Como que eu deixei?” Mas é aquilo, a gente não tem perna para lidar com isso tudo.

(Fem – Taubaté/SP)



”

Professor herói



“Tem colega que olha para mim e fala assim: Você nessa empolgação aí toda, eu quero ver quando você tiver vinte anos de magistério.”
 “Muitos aqui vivem no conformismo, né? Pega aquele modelo de gestão bem antigo e não sai daquilo. Não está aberto ao novo. Isso é terrível.”
 “É impressionante. E ainda julga quem faz. Porque você não fazer, ok, você está no seu direito. Você vive do jeito que você quiser, entendeu? Agora, você não pode julgar o que o outro faz porque você não faz igual.”
 (Flávia Freitas – Brasília/DF)

”
 Conflito

“Uma coisa que eu encontrei nas escolas em geral de ensino fundamental quando entrei na profissão foi a questão da competitividade entre professores e isso na época era o que mais me incomodava. Se você procurava fazer algo diferente era porque você estava querendo aparecer, ou porque você estava querendo ser melhor do que as outras, então isso é uma coisa que sempre me incomodou muito porque, a vida inteira eu gostei muito de fazer as coisas de uma outra forma.”

(Fem – 49 anos – Montes Claros/MG)



”
 Competitividade

“ Muitos deles já estão na educação há vinte e tantos anos, já estão se aposentando. Eu também entendo esse meu colega, que ele já está cansado, tem uma idade, já passou por tanta coisa. Mas tem também a questão do professor que não está com muita vontade de entender, ou não teve oportunidade de entender esse aluno. E é necessário, porque entra em conflito entre professor e aluno. E aí a gente pergunta: quem será que está fora do eixo ali?

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)



”

Conflito



“ E a escola já é um ambiente muito cruel. É muito cruel a escola. Além de você encontrar professores muito cruéis, você encontra seu coleguinhas que são muito cruéis, porque eles ainda não têm noção de direitos humanos. Eles não têm noção de que não pode fazer aquilo, que não pode maltratar o aluno.. Tem alguns que ainda falam: “Mas esses meninos já são grandes”. Mas não tem, eles não têm esse direito.

(Flávia Freitas – Brasília/DF)

Conflito

”



“Eu lembro uma história quando eu estava no estado. Eu acho que eu estava no segundo ano dando aula no estado e aí entrou uma professora nova, que ela era do Guarujá, ela vinha e voltava todo dia e tal. Em menos de seis meses ela estava com o mesmo discurso de uma pessoa que estava se aposentando. Que estava tudo muito ruim... Sabe quando você compra o discurso? É zoadado, viu, gente. Zoadado. Acabou de entrar e em pouco tempo já está assim...
(Diego Elias – São Paulo/SP)

”
Professores desgastados

Ambiente

A estrutura física da escola também é apontada como elemento que constitui a experiência educacional e a prática do professor. Algumas metáforas utilizadas para falar da escola:

_prisão

_cadeia /manicômio/depósito de alunos



Principais reclamações:

- » Descuido dos alunos e da comunidade.
- » Furtos praticados pela própria comunidade.
- » Falta de recursos materiais.
- » Falta de recursos para merenda
- » Desorganização das salas de aula.
- » Falta de ventiladores e ventilação em épocas de calor.
- » Ausência de salas para disciplinas específicas (artes e ciências)
- » Muitas são espaços adaptados e não possuem quadras esportivas.

Os problemas relacionados ao ambiente da escola são, na maioria das vezes, atribuídos ao governo ou à comunidade e aos alunos. Esse é um argumento que não provoca movimento, já que a ideia que está por detrás desta fala é a de que se os alunos não sabem cuidar do ambiente não há nada que se possa fazer, nem ensinar.

“Até essa estrutura que tem problemas de ventiladores quebrados, vidros quebrados, muita grade, até isso faz ainda parte da situação dos alunos, da comunidade. É meio sonhador falar isso, porque eu acho que todo professor que está engajado e que quer ver a mudança fala, mas enquanto a comunidade não se sentir dona; ela é dona, os alunos são donos da escola, eles não vão preservar. Eles não vão ajudar a deixar bonita. Eles não vão, porque eles não se sentem proprietários. Então assim, a gente tem que conscientizar, tem que fazer um trabalho em conjunto com a comunidade.”

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)



Ambiente



“E eu não tenho essa oportunidade no Messias Freire, por conta; voltamos à questão do aluno, por conta da comunidade local que ainda não se sentiu pertencente à escola, ainda não sentiu que o professor está ali para ajudá-lo na vida dele profissionalmente, e como pessoa também. Eles ainda não têm essa conscientização, então assim, nós temos medo de ir para fora da sala de aula e acontecer qualquer tipo de acidente. Por isso então que a sala é cheia de grade, por isso que você sai para o recreio, abre uma grade, tranca. Fica no pátio, tranca. Depois para entrar para a sala de aula, abre e tranca. Tem muitos professores que trabalham com a sala trancada, porque tem alunos que não respeitam o professor e saem na hora que quer. Eu não trabalho, ainda não cheguei a esse ponto. Mas tem muito professor que trabalha assim.”

(Andreia Cândido – São Paulo/SP)

Ambiente

Dificuldades enfrentadas para romper os muros da escola

- Falta de confiança na comunidade do entorno e nos alunos
- Falta de infra-estrutura básica para levar os alunos para fora da sala de aula (ex: ônibus; autorização dos pais; segurança dentro da própria escola).



Muitos deles já estão na educação há vinte e tantos anos, já estão se aposentando. Eu também entendo esse meu colega, que ele já está cansado, tem uma idade, já passou por tanta coisa. Mas tem também a questão do professor que não está com muita vontade de entender, ou não teve oportunidade de entender esse aluno. E é necessário, porque entra em conflito entre professor e aluno. E aí a gente pergunta: quem será que está fora do eixo ali?

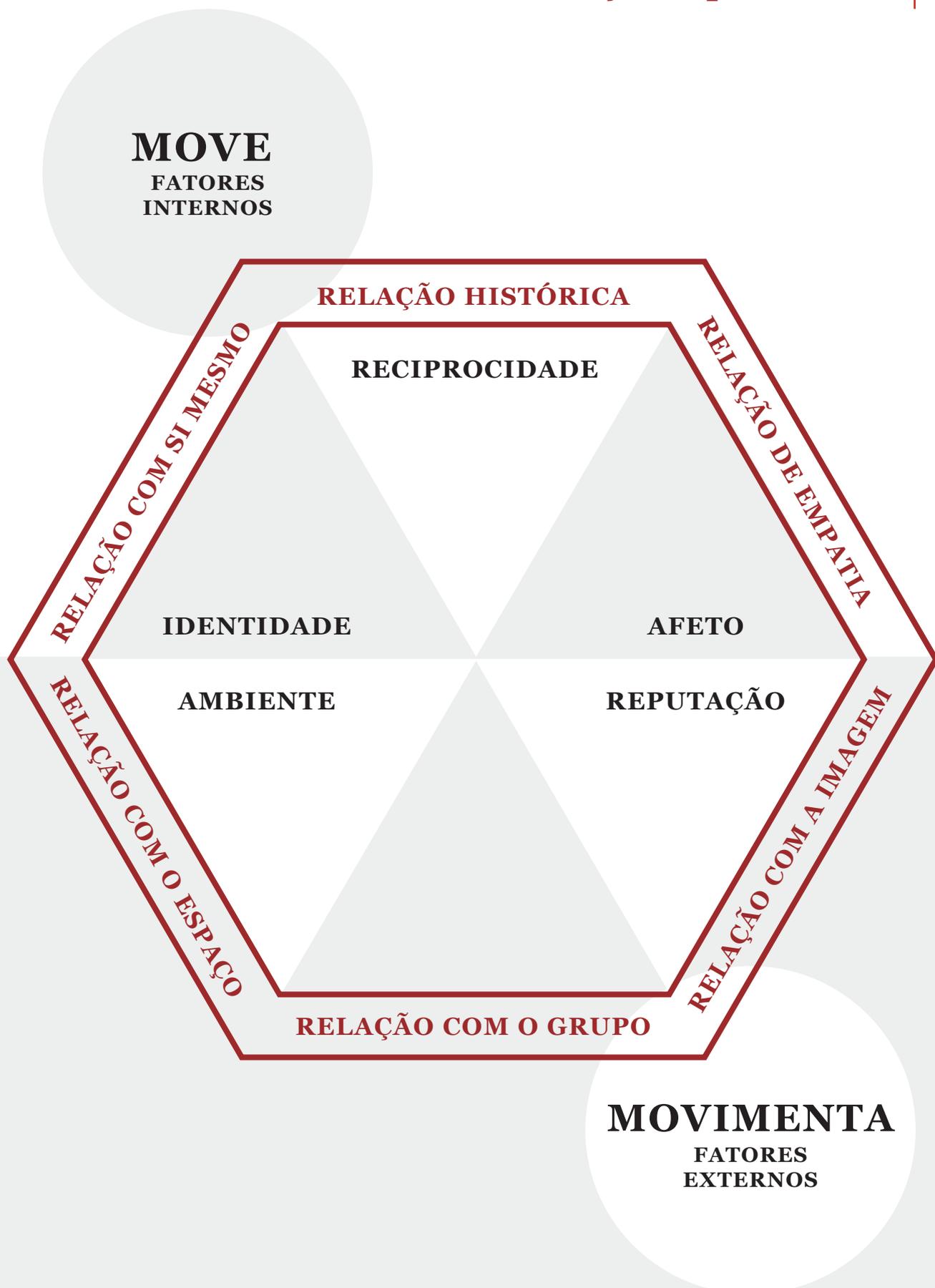
(**Andreia Cândido – São Paulo/SP**)



Ambiente

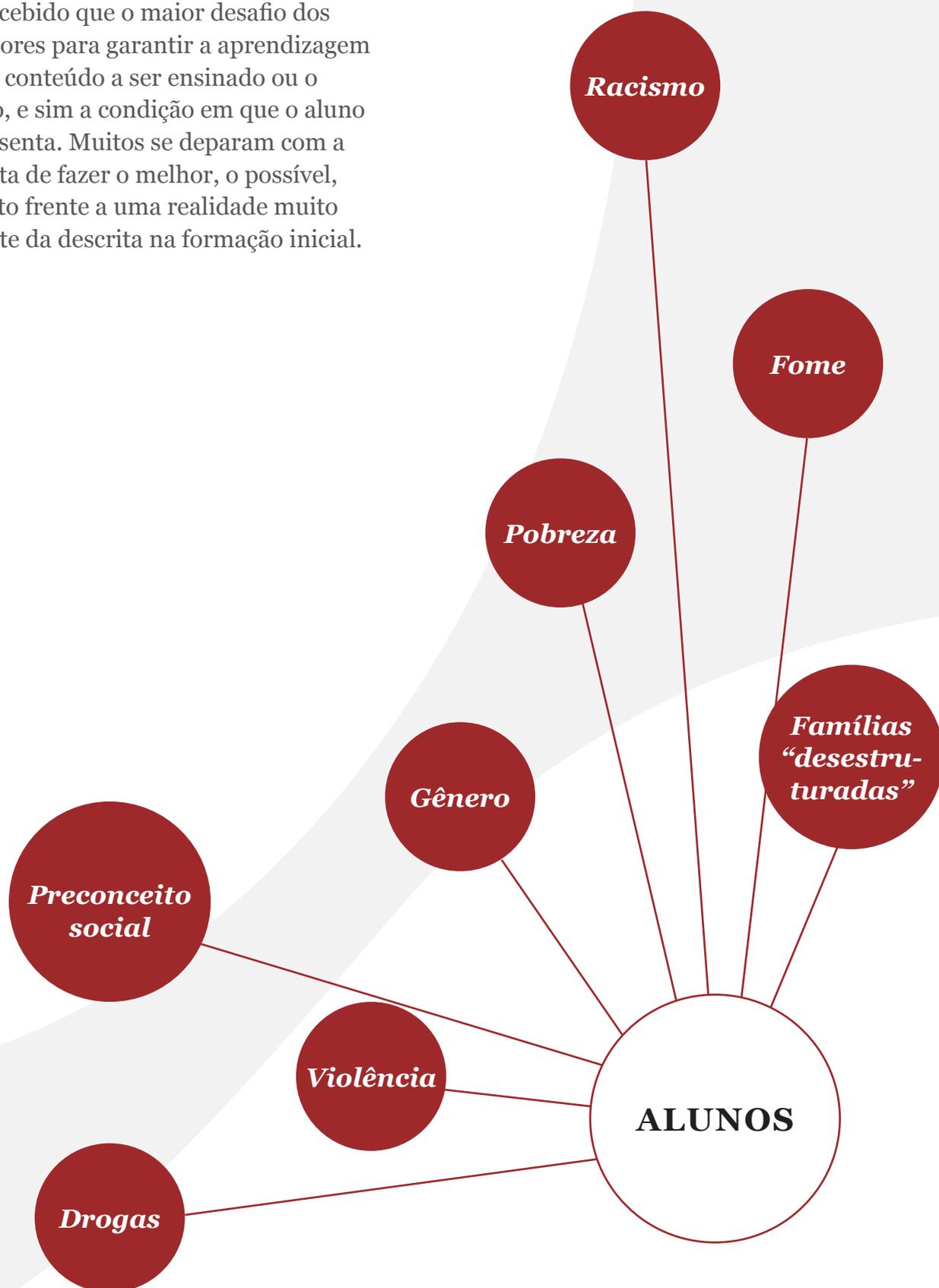
Elementos que estão por trás da mudança dos professores

TODOS OS ELEMENTOS FAZEM PARTE DA UNIVERSO DA RELAÇÃO HUMANA



2. O professor frente ao aprendizado dos alunos

Foi percebido que o maior desafio dos professores para garantir a aprendizagem não é o conteúdo a ser ensinado ou o método, e sim a condição em que o aluno se apresenta. Muitos se deparam com a pergunta de fazer o melhor, o possível, o correto frente a uma realidade muito diferente da descrita na formação inicial.



O olhar dos professores sobre os alunos.

Conheça histórias
de professores
como Lorena:



“É o aluno, por exemplo, que tem nove anos e cuida de irmãos de meses, de um ano, de dois, que tem que providenciar comida para ele mesmo comer... A gente tem isso. É o aluno que tem o pai que bebe a mãe que bebe, que se droga, e que está sozinho, que vê o pai ir preso, que morre na frente dele. Tem alunos que são rejeitados pelo pai e pela mãe, vive com avó, vive com tios. Então são várias histórias assim que você não tem às vezes nem como ajudar.

(Lorena Santos - Salvador - BA)

”

Realidade do aluno

Dispositivos de resgate individuais criados a partir da realidade do professor

O resgate de elementos da própria história traz a capacidade de acionar elementos relacionais e afetivos para resgatar os próprios alunos para um movimento de aprendizagem. É o que chamamos de dispositivos de resgate, este caso individual. A seguir, ilustramos este resultado:



EMPODERAMENTO RACIAL



HISTÓRIA FAMILIAR



ECOLOGIA



MÚSICA

Conheça histórias
de professores
como Givanilson:



“

Só que antes de entrar na faculdade de Pedagogia, como eu gostava de música, eu tocava. E quando eu entrei na escola que tinha muita situação de violência eu comecei a usar a música para tratar dessas questões com os alunos, que não eram necessariamente questões de conteúdo, eram questões de agressividade, mas que eram questões que prejudicavam o aprender deles. E hoje eu vejo que depois que eu faço o trabalho com a música eles acalmam, eles entendem que não podem se relacionar agressivamente e aí eu posso colocar eles para estudar e eles ficam bem mais tranquilos.

”

“ Não, o que me preparou para dar aula, para o mais incrível que pareça, foi aquela coisa, a relação, no meio de tudo isso, na universidade, com essa Capoeira Angola, e esse trato, esse relacionamento, essa preocupação com o outro, né? Eu te entendo, falar assim: “Bom, a Gabriela está nesse nível, eu acho que para ir para outro... espera um pouco, a Gabriela é um pouco disso, a Liana é um pouco daquilo...”, e aí você vai individualizando o processo educativo. Eu tive bastante isso na capoeira. A faculdade preparou de uma forma mais geral, assim, mais... E a faculdade prepara para pesquisa, objetivo de pesquisa, para a ciência como um todo.



“ Outra coisa que é legal, eu acho que é por isso que eu entro na educação de jovens e adultos. A minha mãe parou no 10 ano do ensino médio. O meu pai parou na 4ª série. Mas meu pai com matemática, por trabalhar no Ceasa, ele sempre foi muito ágil. E o meu avô também aprendeu só fazer o nome e tal, mas sempre foi um pedreiro exemplar.

E aí o meu pai teve câncer também. No final da faculdade eu descobro que ele tinha câncer e ele falece dias depois que eu começo a dar aula. Quando eu vou dar aula, é meio como se eu estivesse dando aula para ele assim. Isso é muito louco, para os adultos, né? Porque todas as pessoas, até hoje, quando comparo, eu lembro do meu pai.

Conheça histórias
de professores
como Luisa:



“

No Curso Técnico de Meio Ambiente foi onde me encontrei, que vi com o que eu gosto mesmo de trabalhar (...)

“E aí á partir dessas vivências eu quis amadurecer mais essa minha experiência, e fui para a Geografia. Eu já tinha algumas amigas que estavam fazendo, e aí fui fazer Geografia. Aí pronto; apaixonei. Se eu fosse escolher outro curso, eu faria Geografia de novo. A Geografia é um amor, porque assim, a Geografia é a ciência que analisa o espaço e como o homem reproduz esses espaços através das relações econômicas, das relações políticas, das relações culturais, das relações afetivas, de discutir qual é o lugar do homem no mundo, no espaço.”

”

Conheça histórias
de professores
como Edvalda:



“

Foi o que escolhi dentro da minha docência, então por experiência própria. A experiência fez com que eu quisesse de fato abraçar essa questão. Eu sabia que o local que eu ocupava, era um local de desprezo, era um local de falta de auto estima, um local que não tinha perspectiva de futuro. Era um local que até hoje as crianças negras ocupam. Não dá para fantasiar, porque realmente esse é o local. É local de desacreditar. Eu estou ali, mas quem acredita? Quem de fato é? Essas crianças não crescem ouvindo que são lindas, que é princesa, que é inteligente, que é rainha não. Isso não está no nosso cotidiano não. E aí com a experiência, eu fiquei naquela: o que fazer? Desde muito cedo eu queria dar uma resposta á sociedade das violências que eu sofri dentro da escola que eu estudei.”

”

As soluções construídas por esses professores passam por:

- construir vínculos e relações afetivas.
- motivar e despertar o desejo de aprender. aproximar os conteúdos dos alunos e de suas vidas
- desenvolver o próprio material pedagógico, já que a maioria das turmas é desnivelada e a realidade dos alunos não se adequa ao material didático disponibilizado.
- adequar o conteúdo dos currículos à realidade dos alunos.

***Deixam de serem
professores no sentido
daqueles que professam
um conteúdo que já sabem
e passam a ser docentes
no sentido daqueles que
entram em uma relação
de ensino- aprendizagem
com o aluno.***

Problema:

*As soluções individuais foram
incapazes de se replicar nas escolas
onde atuam*



“Tem algumas coisas que eu faço e aí os outros da minha escola não fazem por conta dessa afinidade. Por exemplo, porque eu tenho afinidade com a questão musical, com a questão cultural, e nem todos os professores, nem todas as professoras têm.”

Dispositivo de resgate coletivo criados a partir da realidade do aluno

Chamamos de dispositivos de resgate coletivo quando a história do próprio aluno é protagonista para que o processo de aprendizagem aconteça. Quando o professor consegue conectar os interesses do aluno o processo de aprendizagem pode se tornar mais fluído.

Encontramos non interior de Pernambuco uma iniciativa com metodologia que coloca como solução da educação projetos que partem da vida do próprio aluno.

PEADS (proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável) é uma metodologia brasileira criada para promover o desenvolvimento no tripé indivíduo-comunidade-sustentabilidade)

A escola deixa de ser um local de transmissão de conhecimento e passa a ser um local de produção de conhecimento, através da realidade do aluno, a história de seus familiares, ao território e a comunidade. O material didático passa a conviver com a pesquisa da própria realidade dos alunos, produzindo reflexões através das disciplinas oficiais como literatura, matemática, ciências, música, etc. Ao construir projetos de desenvolvimento sustentável em comunidade rurais, a equipe do SERTA percebeu que a escola estava na causa da evasão do homem do campo, já que subliminarmente construía a ideia de que o conhecimento do homem do campo não era válido. Foi criada a PEADS como

metodologia de apoio ao desenvolvimento sustentável a partir da escola. O objetivo é que essas transformações fossem maiores que a própria escola e pudessem impactar também as famílias, a rua, o bairro, as associações locais, os municípios. A PEADS incentiva uma escola em interação com a comunidade e produzindo conhecimento a partir de sua vida.

Essa ação coletiva promoveu:

- Impacto em escolas inteiras e não apenas em um indivíduo. _Impacto em uma cidade inteira (Vicência)
- Impactos em toda uma região (Mata Norte Pernambucana). _Resultados no campo e na cidade e em áreas de violência.
- Resultados consistentes ao longo dos últimos 20 anos. _Foi mais resistente à trocas de governos.

Abdalaziz de Moura

Criador do PEADS

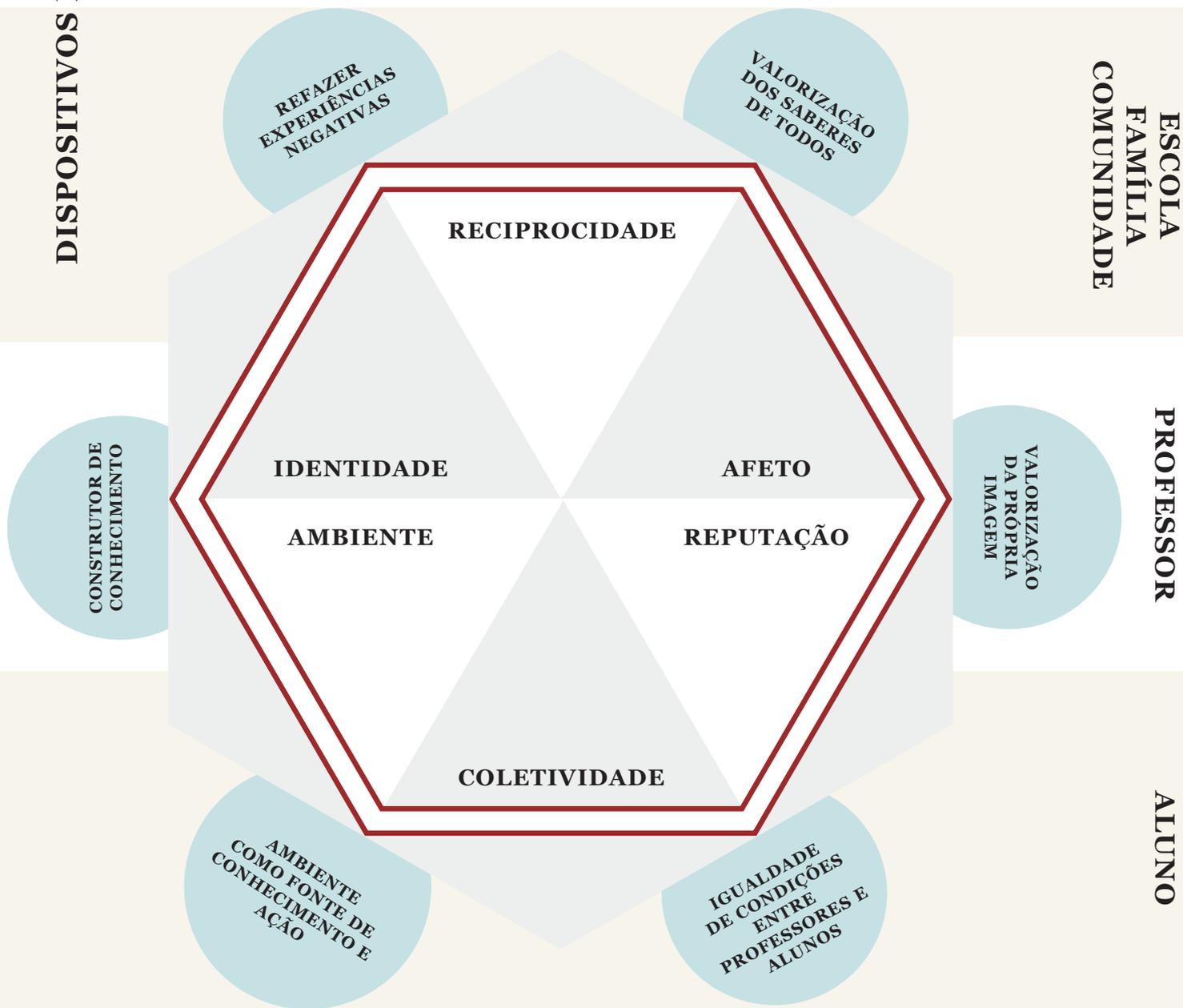
Conheça mais
sobre Abdalaziz:



“A gente faz questão de explicitar aos alunos, quais são as intenções que nós vamos ter com eles: a primeira intenção é que eles passem a sonhar, precisa minimamente ter desejo, precisa minimamente ter vontade. Desde o início da aula, nós passamos a estimular eles a se tornarem mais curiosos, a pesquisar mais, nos interessa que eles sejam cientistas, que sejam pesquisadores, que sejam profissionais. Então, esse projeto,

quando chega nesse nível, o sonho da vida deles passa a ter cor, cheiro, volume, tamanho, custo, cálculo, desenho, onde vai ser esse projeto? quando você vai terminar? quais são as etapas dele? quais são os instrumentos os mecanismos? quais são os resultados dele? E a gente não fica satisfeito não, a intenção é que eles sejam empoderados de um processo que pensem para além do projeto, que pensem o país, que pensem o planeta.

”



Fonte: Figura inspirada na metodologia PEADS

Comentário final do Time do Instituto |

Em diferentes culturas e ao longo do tempo, os artefatos pedagógicos (chamados nesta pesquisa de dispositivos de resgate) foram idealizados/criados pelos professores a partir das suas vivências pessoais que davam esperança (seja pelas histórias individuais, ou seja como no caso do PEADS pela visão coletiva da educação) na prática da docência.

Como referenciado em diversas pesquisas e estudos, os docentes só conseguem construir a relação com os alunos através desses artefatos. Os desafios de aprendizagem são tão grandes e desmedidos que é a solução que, como o construtivismo fala, permite conectar com o conteúdo.

No entanto, parece que uma boa parte dos professores brasileiros ainda não conseguiram explorar essas vivências pessoais. Alguns ainda não descobriram esses artefatos pedagógicos com os quais podem garantir o conteúdo, a implementação com qualidade da educação pública porque, em alguns casos, ainda não enxergaram nas suas experiências pessoais, uma riqueza pedagógica.

Por isso, o Instituto Península acredita na importância que os professores explorem as vivências pessoais (o que move) e que faria com que esses professores pudessem descobrir o que movimenta o aprendizado desde as realidades diversas, desde a sua sala de aula seja qual for, para construir artefatos pedagógicos que tirem à educação da inércia, do medo, da solidão e da paralisia.

O Instituto Península reforça com as descobertas e reflexões desta pesquisa a importância do resgate do professor, da profissão de professor. Com o desenvolvimento integral do docente, o domínio dos conteúdos e uma comunidade escolar fortalecida é possível lidar com desafios dos alunos, se conectar a eles e garantir ambientes de aprendizagem, construindo a ponte que liga ao conhecimento, influenciando com esse movimento todo o sistema educacional.

VOCÊ CONHECE INICIATIVAS PEDAGÓGICAS BASEADAS NESSA LÓGICA COLETIVA?

Vem com a gente, se inscreva para começar o maior
mapeamento de ações coletivas do país

• CONTATO@INSTITUTOPENINSULA.ORG.BR •

*Queremos potencializar essas iniciativas
conectando-as*

Escreve um email descrevendo a(s) propost(as)
incluindo:
- município
- nome da escola pública
- quantidade de professores engajados
- duração/quando começou a iniciativa?

*Ao longo de 2019 estaremos fazendo esse mapeamento e
te retornaremos com os avanços em breve!*

Agradecimentos |

Agradecemos aos **especialistas, escolas e coordenadores pedagógicos** que nos ajudaram a entender as principais dores, alegrias, expectativas dos profissionais de sala de aula para além dos números e estatísticas.

Agradecemos aos **professores brasileiros pela constância e dedicação**, com especial carinho aos participantes desta pesquisa. Obrigado pela confiança e abertura para tratar temáticas difíceis assim como por continuar acreditando que todos podemos continuar aprendendo.



Time da pesquisa:

INSTITUTO PENINSULA

Ana Maria Diniz, **Presidente**
Heloisa Morel, **Diretora Executiva**

Time de pesquisa

Lia Glaz
Natalia Puentes-Montoya

Time de comunicação

Fernanda Viola
Nathalia Brancato

PS2P

Julio Alves
Fernanda Bizarria
Heloísa Rios
Liana Caldeira
Mariana Franco
Leonardo Melgaço
Maria Horta
Bárbara Silva

Pesquisadoras dos diários

Luciana Aguiar
Natalia Kelles
Raquel Medeiros
Cíntia Demaria
Fabiana Cerqueira
Patricia Schneider

Pandu Filmes

Pedro Aspahan
Glaydson Mendes
Ana Carolina Antunes